



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**A POLARIZAÇÃO POLÍTICA DURANTE A PANDEMIA:
UM ESTUDO SOBRE O CONSERVADORISMO, A ERA DA
DESINFORMAÇÃO E O MEDO**

ANA KELLI DA SILVA FONSECA

Rio de Janeiro

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**A POLARIZAÇÃO POLÍTICA DURANTE A PANDEMIA:
UM ESTUDO SOBRE O CONSERVADORISMO, A ERA DA
DESINFORMAÇÃO E O MEDO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Bacharel em Jornalismo.

ANA KELLI DA SILVA FONSECA

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Paulo Roberto Gibaldi Vaz

Rio de Janeiro

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

d676p da Silva Fonseca, Ana Kelli
A polarização política durante a pandemia:
um estudo sobre o conservadorismo, a era da
desinformação e o medo / Ana Kelli da Silva
Fonseca. -- Rio de Janeiro, 2023.
66 f.

Orientador: Paulo Roberto Vaz.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola
da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Jornalismo, 2023.

1. A era da desinformação. 2. Pandemia. 3.
Economia. 4. Pós-verdade. 5. Polarização
política. I. Vaz, Paulo Roberto, orient. II.
Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **A polarização política durante a pandemia: um estudo sobre o conservadorismo, a era da desinformação e o medo**, elaborado por **Ana Kelli da Silva Fonseca**.

Aprovado por



Prof. Dr. Paulo Roberto Gibaldi Vaz

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIALVA CARLOS BARBOSA
Data: 22/07/2023 17:04:31-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Marialva Carlos Barbosa



Prof. Dr. Márcio Tavares d'Amaral

Grau: 10,00

Rio de Janeiro, no dia 19/07/2023

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus e aos meus guias espirituais que me trouxeram até aqui. Sem eles, nada disso seria possível.

Agradeço aos meus pais, Edilson e Ilma, que sempre lutaram para me oferecer o melhor e por me darem toda a força que eu precisava para correr atrás dos meus sonhos. Eles são os meus maiores apoiadores e sempre acreditaram que eu seria capaz. A minha mãe, obrigada por não ter me deixado desistir e por todo o apoio. Ao meu pai, obrigada por ter escutado Tia Luciana e ter investido nos meus estudos, obrigada por todas as vezes que se sacrificou para pagar meu ensino e para me levar nos locais que eu precisava ir, essa conquista também é sua. Aos meus irmãos, Eldon e Eric, agradeço por serem vocês e por sempre me incentivarem.

A minha família, em geral, obrigada pelo apoio e por todas as trocas. Em especial aos meus avós, que sempre me mostraram que a vida deles não foi fácil, mas que não queriam que a minha fosse daquela forma. Vocês me ensinam todos os dias.

Agradeço às minhas amigas Anna Clara, Lanna, Lara, Linda, Stefania e ao meu amigo Wellington por acreditarem em mim antes mesmo de eu acreditar. É um prazer e orgulho enorme celebrar as nossas conquistas em conjunto. Nós somos os maiores incentivadores dos nossos sonhos e que assim seja por muitos e muitos anos. Aos amigos que fiz na ECO, obrigada por terem se tornado meu lar no momento que mais precisei. Vocês não sabiam disso, mas foram essenciais para as minhas escolhas e por essa conquista.

Agradeço a Escola de Comunicação da UFRJ por tudo que ela me proporcionou e por tudo que pude ter contato e aprender, devido a ela. A ECO é o meu ponto de partida na busca por muito mais. E eu espero que isso não seja um adeus, que seja apenas um até logo.

Por fim, agradeço ao meu professor e orientador Paulo Vaz que foi o maior incentivador do meu tema e me inspira o tempo todo. Obrigada por aceitar esse desafio e por me incentivar a sonhar com outras coisas que pareciam impossíveis para mim nessa caminhada.

FONSECA, Ana Kelli da Silva. **A polarização política durante a pandemia: um estudo sobre o conservadorismo, a era da desinformação e o medo.** Orientador(a): Paulo Roberto Gibaldi Vaz. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2023.

RESUMO

O presente trabalho busca entender como a polarização política durante a pandemia contribuiu para um cenário ainda mais caótico, principalmente no governo brasileiro. Para isso, análises de discursos e da postura de Jair Bolsonaro, muitas vezes, baseadas no que Donald Trump fazia, foram feitas. Além disso, a pesquisa buscou sair de um cenário geral para um cenário mais específico, a fim de que as particularidades relacionadas ao tema fossem respondidas, como as guerras culturais que deram vazão para a polarização política, a ascensão da popularidade bolsonarista e a estratégia utilizada por ele para chegar ao poder até, por fim, chegarmos na crise sanitária e na postura problemática utilizada por ele. A polarização nesse cenário tinha relação com a economia e o “fica em casa” e os tópicos foram essenciais para entendermos o motivo dessa dualidade.

Palavras-chave: desinformação, fake news, pandemia, polarização política

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. Guerras Culturais	5
2.1. Guerras culturais no Brasil	7
3. A era da desinformação	15
3.1. Fake news, teorias da conspiração e a polarização política	19
3.2. A criação da imagética messiânica de Bolsonaro	24
4. A pandemia	35
4.1. O medo, o poder e a relação dos governos conservadores com a pandemia do coronavírus	38
4.2. As consequências das fake news na pandemia do Covid-19	41
4.3. A deslegitimação das instituições democráticas	43
4.4. O Ministério da Saúde e o Kit Covid	47
5. Economia x Pandemia	52
6. Considerações finais	62
7. Referências bibliográficas	65

1. Introdução

Gostar de escrever foi o meu ponto de partida para a escolha do meu curso. Mas, foi a UFRJ que me apresentou o amor pela informação. O estudo em si sempre foi estimulado pelos meus familiares como uma esperança de dias melhores. Como muitas pessoas do interior fluminense, não tive tanto acesso a cultura aqui quanto poderia ter tido na capital. Foi uma professora da creche, tia Luciana, que insistiu para que meu pai investisse nos meus estudos. Deu certo, fui a primeira pessoa da minha família a passar numa universidade pública.

Foi na Escola de Comunicação que pude perceber meu local de privilégio em relação a tantas pessoas, inclusive aos meus irmãos, que não tiveram as mesmas chances e oportunidades que eu. Lá, procurei me vincular em projetos que trariam até mim o contato com a cultura que senti tanta falta, mesmo antes de saber que falta era essa. Participei do Cinerama e conheci filmes que nunca pensei que assistiria. Já na metade do curso para o final, virei bolsista de Produção de Conteúdo do SIMAP e me encantei pela dimensão da UFRJ e por aquilo que ela podia oferecer às pessoas.

E foi nessa trajetória que participei de duas disciplinas do professor Paulo Vaz e me encantei por tudo aquilo que ele sabia e conseguia repassar. Medo, poder e sofrimento foi a matéria que estimulou a escolha do meu tema. Falar tão claramente sobre a política atual me intrigava e me fazia perceber os problemas vigentes no país. Também me tocou, pois me fez refletir sobre qual pessoa eu seria se não tivesse passado na UFRJ.

Eu tive meu primeiro contato com as ideias do ex-presidente em meu ano de vestibular, 2017. Desde lá, já não concordava com as suas falas e já participava de uma realidade de polarização política, ainda sem saber nada sobre o tema. O boicote à cultura criado por ele, suas falas e ataques à mulheres e jornalistas sempre tocaram em um ponto sensível a mim. Quando passei na ECO, pude entender melhor o que estava acontecendo no país e pude ter percepções mais aprofundadas sobre o assunto.

O tema escolhido é importante para entendermos como que, em um marco histórico mundial, que foi a pandemia, parte da população brasileira estava mais preocupada com a economia do que com o número crescente de mortes. A ideia do presente trabalho é entender como esse pensamento tão egoísta e partidário foi possível em um cenário em que o que devia ser prioridade era a empatia e a solidariedade. Para isso, uma pesquisa bibliográfica e um mapeamento de acontecimentos foram feitos para que pudéssemos entender o que acarretou nessa realidade. Percebemos que foi resultado de acontecimentos que estavam ocorrendo há

muito tempo no Brasil e nos Estados Unidos. A polarização não começou na pandemia, mas foi primordial para que tornasse o cenário ainda pior.

É por isso que, neste estudo, analisaremos como a polarização política, criada pelas guerras culturais, foram nocivas ao país, principalmente, na conjuntura da pandemia do coronavírus. Buscaremos analisar como esse fenômeno, nas perspectivas americana e brasileira, criou um cenário de desinformação promovido por políticos conservadores, que descredibilizavam instituições democráticas, como o jornalismo, a ciência e os pesquisadores.

Neste trabalho, faremos uma revisão de literatura sobre o tema: A polarização política durante a pandemia: um estudo sobre o conservadorismo, a era da desinformação e o medo. A questão a ser respondida é como a polarização política afetou ainda mais a realidade da pandemia no país. Para respondê-la, faremos um apanhado histórico para entendermos todos os contextos antes de chegarmos à crise em si. A polarização não foi um fenômeno que aconteceu apenas nela, ela já existia no país e só contribuiu para afetar ainda mais os brasileiros em um cenário já complicado.

O estudo fará uma revisão bibliográfica com foco em autores e autoras que dissertam sobre os seguintes temas: guerras culturais, era da desinformação, pandemia, teorias da conspiração e o medo. Ele buscará entender como esse cenário de disputas morais foi nocivo para o Brasil, principalmente, no cenário do Covid-19, em que muitas pessoas deixaram de seguir as orientações da Organização Mundial da Saúde, devido aos conflitos existentes entre as duas esferas políticas e a ideia de que não podiam perder a batalha. É válido ressaltar que esse não foi o único motivo, discursos contra às instituições democráticas também contribuíram para que essas pessoas descredibilizassem a seriedade da situação e levassem tudo como uma briga partidária.

É importante ressaltar que o presente trabalho também abordará o governo do ex-presidente norte-americano Donald Trump que serviu de inspiração para Jair Bolsonaro. Por vezes, faremos comparações entre os dois governos, visto que eles convergem em diversos pontos, como as teorias da conspiração, o descrédito da real situação da pandemia e os ataques sofridos pela imprensa, pesquisadores e profissionais da área da saúde.

Antes de chegarmos de fato à pandemia, é imprescindível falarmos sobre a origem das guerras culturais e como ela se estabeleceu no Brasil e deu início a polarização política. Para isso, no segundo capítulo, usaremos como instrumento teórico os pensamentos dos autores Cristina Teixeira Vieira Melo e Paulo Vaz (2021), Alan dos Santos (2021) e Marco Aurélio Dias Souza (2014). Aqui tentaremos recriar a trajetória das guerras culturais até ela chegar ao Brasil e, posteriormente, dar origem a polarização política. Por isso, trataremos discussões

morais específicas que marcaram o país e que iniciaram essa conjuntura de conflitos. Não há consenso, uma batalha perdida ou vencida só abre espaço para que outras sejam criadas.

No terceiro capítulo, abordaremos a Era da Desinformação. A partir dos conceitos e ideias apresentados sobre a verdade por Michel Foucault (1983-1984), buscaremos apresentar como a desinformação em massa afetou pejorativamente o país. Por isso, também utilizaremos os pensamentos dos pesquisadores Bennet e Livingston (2020) e das pesquisadoras Marialva Barbosa e Ana Regina Rêgo (2020), que se debruçaram sobre as fake news e as suas consequências, focando sempre em uma realidade baseada na era da pós-verdade.

Ainda nesse capítulo, também falaremos sobre as teorias da conspiração que se relacionam com as fake news e contribuem para a criação de um medo, utilizaremos artigos do pesquisador Paolo Demuru (2020 e 2021) para abordar esses temas. Neles, poderemos perceber que as estratégias utilizadas tanto por Trump quanto por Bolsonaro para se elegerem tinham um foco na criação de medos, em que eles podiam se colocar como a solução, isto é, eles criavam o medo e depois se colocavam como aqueles que resolveriam o problema.

Para finalizá-lo, abordaremos a criação da imagética cristã bolsonarista, com fotos posicionadas para criar uma aura messiânica, que se relaciona com a ideia de salvador da pátria abordada por Demuru anteriormente. Também falaremos sobre o cristofascismo bolsonarista que, muitas vezes, utilizou dessa imagética criada por ele para se colocar contra os seus opositores e reforçou a ideia de que ele era o Messias enviado para salvar a pátria.

No quarto capítulo, traremos dados sobre a pandemia, em que mostraremos como a ideia de medo criado pelos conservadores anteriormente se inverte na situação pandêmica. Afinal, o Covid-19 chega como um medo que eles não podem controlar, por isso não é benéfico para eles alimentá-lo. É daí que surge a ideia da direita corajosa e a esquerda medrosa. Além disso, também falaremos sobre a consequência das fake news disseminadas durante a crise sanitária global que contribuíram para um cenário ainda pior com o descrédito às instituições democráticas, uma vez que os apoiadores de Jair Bolsonaro e o próprio não cumpriram as recomendações da Organização Mundial da Saúde e compartilharam métodos de prevenção ineficazes. Seu incentivo não era para as pessoas ficarem em casa e se resguardarem, era para que o Brasil voltasse à normalidade. Para isso, ele criou e começou a compartilhar outro medo, o de que o Brasil não podia parar, porque as pessoas poderiam passar fome. Outro ponto abordado neste capítulo será a troca constante dos Ministros da Saúde num momento tão delicado.

No quinto e último capítulo, nos apoiaremos nos pensamentos de Túlio Batista Franco

(2022) para entendermos como a polarização política na pandemia foi problemática. Aqui falaremos sobre quem queria ficar em casa e aqueles que apoiaram a volta à normalidade - o último sendo principalmente Bolsonaro e seus seguidores. Também conseguiremos compreender que no neoliberalismo existe a ideia de corpos matáveis, como abordado por Franco, isto é, durante a pandemia, a volta à normalidade era apoiado pelos grandes empresários que não podiam ter seu comércio parado, eles continuariam em casa, em segurança, mas seus funcionários deveriam voltar a ativa. Para além disso, também existiam aquelas pessoas que se colocam como chefes de si mesmas, ou empreendedores, que na pandemia se veem em uma situação de vulnerabilidade social, uma vez que se parassem de trabalhar, não possuiriam renda.

De forma geral, nos proporemos a compreender, a partir dos autores citados acima e dos dados da pandemia, como os discursos de Jair Bolsonaro contribuíram para alimentar um frenesi em seus apoiadores para que eles não cumprissem as regulamentações estipuladas pela OMS e pelos órgãos de saúde. Ademais, conseguiremos perceber que muitas mortes poderiam ter sido evitadas, caso ele tivesse tido outra postura diante desse cenário.

2. Guerras Culturais

O conceito de Guerras Culturais diz respeito a uma expressão utilizada principalmente nos Estados Unidos para definir as disputas morais, as quais podem ser caracterizadas pelos debates sobre raça, gênero, religião, aborto, à posição da mulher na sociedade, à sexualidade, às exposições artísticas, entre outros. O termo foi resgatado pelo sociólogo conservador James Hunter em 1991, e pode ser interpretado como uma divisão da sociedade, motivada por interpretações morais antagônicas. Isto é, a população passa a ter batalhas sobre temas culturais, ocasionando em um alto grau de polarização. Dessa forma, a consequência dessas guerras seria a incapacidade de um debate político, uma vez que haveria uma radicalização da disputa acerca dos temas culturais, o que culminaria em uma polarização acentuada baseada em conflitos de ideias.

Para Hunter, o conceito de “cultural” não tem relação com a produção artística, apesar dessas produções também serem pautas das guerras culturais. Para o sociólogo, “cultura significa um conjunto relativamente estável e unificado de crenças e valores.” (MELO; VAZ, 2021, p.10). E “guerra” não diz respeito a uma guerra entre nações, mas a uma guerra interna, a qual questões privadas, como a sexualidade, são colocadas em pauta e ficam em lados “diferentes” na esfera política.

O termo “guerras culturais” aparece em 1992 na convenção republicana dos Estados Unidos quando o político conservador Patrick Buchanan faz uma crítica ao casamento gay, ao aborto e a posição feminina nos exércitos, além de defender o direito dos cidadãos por optarem por escolas religiosas. Assim, o conceito ganha uma nova conotação, em que várias visões acerca do que seria uma “boa vida” passam a ser definidas, o que traz discussões que antes eram privadas acerca da moralidade para a esfera pública. Torna-se perceptível, portanto, a grande força que a moral possui sobre a política. Mas, o que seria a moral? O papel da moral seria dar respostas para questões relevantes na sociedade:

Por autoridade moral eu quero dizer as bases pela qual as pessoas determinam se algo é bom ou ruim, certo ou errado, aceitável ou inaceitável, e assim por diante. É claro, pessoas frequentemente têm muitas ideias diferentes sobre qual critério utilizar para fazer julgamentos morais, mas este é apenas um ponto. É o compromisso entre bases de autoridade morais, diferentes e opostas, e as visões de mundo que derivam delas que criam as profundas clivagens entre antagonistas na guerra cultural contemporânea. (SOUZA, 2014, p. 40)

Apesar da grande quantidade de temas pautados nos conflitos morais, percebe-se dois elementos comuns na concepção do conceito: 1 - Com a forma em que esses conflitos começam a emergir, a partir de uma mudança moral de alto alcance, que envolve o direito das

minorias, o que gera o surgimento de uma resposta conservadora quase que imediatamente. 2 - Com o vínculo do conceito e seu estreitamento com a história política cultural dos Estados Unidos, isto é, com os valores tradicionais norte-americanos. Percebe-se que essas disputas buscam um mesmo denominador comum: o que seria a nação e como ela deveria ser constituída. Entende-se então que, ao compactuar com particularidades que iriam contra os valores tradicionais norte-americanos, a “alma da nação” estaria em risco.

Para entender melhor o conceito, podemos pensar em algumas questões relacionadas a nação e a sua população, como o que seria ela, qual o seu lugar em relação a outros lugares e o que a sociedade pode se orgulhar ou não. Essas questões são relevantes, visto que as guerras culturais nos Estados Unidos têm como principal referência de disputas, os acontecimentos do passado, em que ações feitas pelo homem branco são muito mais relevantes do que as feitas pelas mulheres ou outras etnias. É nesse contexto que, atualmente, quando novos discursos aparecem afirmando que essas minorias contribuíram para a criação da nação norte americana, um grande conflito moral passa a ser vigente entre essas duas interpretações diferentes. Outro ponto importante a ser levado em consideração é que a violência contra as minorias (negros, mulheres, indígenas, gays, etc) começa a ter uma reação em forma de resistência, ou seja, eles não aceitam mais passar por isso, o que gera uma resposta conservadora. (MELO; VAZ, 2021, p.3).

Com a formação das guerras culturais, ocorre uma mudança na perspectiva política: candidatos começam a incitar a produção de conflitos morais como uma estratégia política, ou seja, eles conseguem forçar o seu oponente a ter opiniões radicalizadas, criando assim uma discussão que envolve toda a nação, onde um lado precisa ser escolhido, o que se caracteriza como polarização política. Antes, o discurso moderado e baseado na centralidade era visto como uma necessidade para ganhar as eleições, com as guerras culturais as disputas se tornam a estratégia utilizada. A polarização política, portanto, pode ser considerada uma grande ameaça à democracia, posto que:

Quando as sociedades se dividem tão profundamente que seus partidos se vinculam a visões de mundo incompatíveis, e sobretudo quando seus membros são tão segregados que raramente interagem, as rivalidades partidárias estáveis dão lugar a percepções de ameaça mútua. À medida que desaparece a tolerância, os políticos se veem cada vez mais tentados a abandonar a reserva institucional e tentar vencer a qualquer custo. Isso pode estimular a ascensão de grupos antissistema com rejeição total às regras democráticas. Quando isso acontece, a democracia está em apuros. (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p.115-116)

Para os professores e pesquisadores Paulo Vaz e Cristina Teixeira de Melo, quando discussões que envolvem a moral são vistas por apenas duas perspectivas, sem levar em consideração seus detalhes e complexidades, percebe-se que a importância não está na compreensão do assunto, mas sim na vitória sob a opinião contrária. E os políticos conseguiram usar esses conflitos como pontes para a eleição, uma vez que seus eleitores não estão visando o consenso, mas sim a vencer a batalha. Essa disputa é acirrada e busca a validação de uma opinião, criando assim um espaço comum em que um discurso pode causar consequências dolorosas, tanto com a violência corporal quanto com palavras preconceituosas.

Por fim, podemos afirmar que o conceito de guerras culturais é sempre no plural, ou seja, os conflitos criados não visam ter um fim. Algumas batalhas podem até ser encerradas com um lado vitorioso, no entanto, outra irá surgir e assim por diante. As discussões vão retornar e os defensores de sua opinião também e isso vai acontecer principalmente nas redes sociais, local que permite certo distanciamento entre a difusão de opiniões, muitas vezes problemáticas, e o seu disseminador.

2.1. Guerras culturais no Brasil¹

Para entender como as Guerras Culturais chegaram ao Brasil, podemos fazer um apanhado histórico para mostrar o motivo da polarização política entre a esquerda e a direita chegar ao ponto atual. Para isso, abordaremos os pensamentos do ideólogo conservador Olavo de Carvalho e os pensamentos do crítico literário e professor Roberto Schwarz.

Para Schwarz, aconteceu uma hegemonia cultural de esquerda no início da ditadura militar no Brasil, essa hegemonia era percebida por meio dos pensamentos e publicações marxistas e pelos teatros e festivais da época. O professor também fala sobre a revolução estudantil que, aqui no Brasil, foi marcada pela crítica e pela luta contra o regime militar vigente. Assim que o golpe militar aconteceu em 1964, a esquerda teve algumas decisões a tomar para decidir como lidar com isso, a sua escolha foi lutar por meio da cultura.

Em um primeiro momento, o presidente Castelo Branco tinha como objetivo expulsar ou prender as lideranças políticas dos operários. Assim, os intelectuais e os estudantes não foram vistos como possível “ameaça”. Com o protesto de 1968 contra a Ditadura Militar, organizado pelo movimento estudantil e que contou com a participação de artistas, intelectuais e outros setores da sociedade brasileira, os militares perceberam que não bastava

¹ Sub-capítulo baseado no artigo “Guerras Culturais: Conceito e Trajetória” dos professores Cristina Teixeira de Melo e Paulo Vaz, 2021.

apenas perseguir os operários, mas também a massa intelectual que surgiu contra eles. Em dezembro do mesmo ano, aconteceu o Ato Institucional número 5 ou AI-5, que conseguiu romper as eleições diretas para os principais cargos políticos, aumentou a repressão, criou dispositivos de censura cultural, como teatro, música e cinema, além de diversas outras atitudes antidemocráticas. (SANTOS, 2021, p.39) Para Schwarz, o AI-5 foi o ponto de ruptura da hegemonia cultural de esquerda no Brasil.

No entanto, para o ideólogo conservador Olavo de Carvalho (2014), a hegemonia da esquerda na cultura foi vigente até 2018 no Brasil, ou seja, ele acreditava que nem o AI-5 foi capaz de interromper o poder que a esquerda tinha sobre a cultura. É por essa razão que seus alunos e seguidores, principais apoiadores do governo Bolsonaro, ainda defendem e pedem a volta do AI-5. Eles acreditam que a esquerda ainda domina a área cultural do país e que, por isso, ela precisa ser combatida.

Além disso, para Carvalho, a hegemonia de esquerda no Brasil teve como ápice a chegada do PT ao poder, em 2003. E essa ascensão e revolução da esquerda na área cultural durou até 2018 - ano da candidatura do ex-presidente de direita, Jair Bolsonaro - quando o movimento conservador conseguiu se organizar e se estabelecer. Para o ideólogo, nem o AI-5 foi capaz de interromper a hegemonia cultural no Brasil, mas somente o bolsonarismo com o movimento político e cultural autointitulado conservador, em defesa da moralidade cristã e dos valores fundamentais do Ocidente (SANTOS, 2021, p.74). É importante relembrar que para Schwarz, essa hegemonia já havia acabado com o AI-5.

Com o crescimento do movimento conservador, baseando-se no pensamento olavista, criou-se uma narrativa no Brasil, em que a direita também começa a disputar um lugar na cultura do país. É nesse contexto que as guerras culturais tornam-se ainda mais acirradas e com a ajuda da internet e das redes sociais, os conflitos morais ganham um espaço maior de divulgação e conflito. As disputas morais vinham ganhando espaço na política brasileira ao menos há três décadas. Pautas que antes eram vistas como de costumes e de comportamentos passaram a ser tratadas na esfera da luta política. Para entender a trajetória das guerras culturais no Brasil, podemos pensar em alguns eventos que marcaram o país por discussões e opiniões contrárias.

Um dos exemplos dessa disputa na área cultural foi percebido em 2017. Duas semanas depois do Banco Santander fechar a exposição “Queermuseu” em Porto Alegre, devido a uma onda de críticas conservadoras, outra exposição artística foi alvo dessa camada política. Nas redes sociais, conservadores criticaram a exposição “La Bête”, apresentada pelo Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo. A performance foi idealizada pelo coreógrafo carioca

Wagner Schwartz e, segundo o MAM, é uma releitura da obra “Bicho” de Lygia Clark, artista conhecida por suas obras interativas. O motivo dos protestos conservadores seria um vídeo divulgado nas redes sociais, que mostra uma mulher e uma criança interagindo com Schwartz, que está deitado nu, a menina toca os pés e o tornozelo do artista. Em um vídeo no Facebook, o candidato Jair Bolsonaro afirmou que “uma criança é estimulada a tocar homem nu em nome da cultura” e atacou todos os envolvidos na performance.²

Esse caso mostra a força que as guerras culturais estavam ganhando no país. Podemos perceber dois lados opostos da sociedade lutando em defesa das suas visões de mundo. Enquanto os conservadores defendiam o fechamento da exposição, a esquerda defendia o direito artístico dos curadores e das exposições. Percebemos aqui o início mais profundo de uma ruptura entre os dois lados da política brasileira.

Além disso, antes mesmo desse evento, podemos relatar o impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2016. Ao invés dos parlamentares justificarem seus votos com as principais acusações para o pedido de impeachment - pedaladas fiscais e crime de responsabilidade - eles trouxeram questões que diziam respeito a moralidade, com o uso de termos como “Em nome de Deus e da família”, em que falavam sobre suas próprias famílias ou faziam referência a ideia de família tradicional brasileira. Outras justificativas também foram expostas, como a defesa da sexualidade infantil contra uma ameaça criada por um certo ensino escolar, podemos perceber aqui que as escolas e as universidades se tornaram uma das principais causas dos conflitos morais, uma vez que a família e Deus deviam ser protegidos e para isso, era preciso controlar esses dois locais. Isso sem contar os cartazes levantados durante a sessão que exaltavam o pensamento de Olavo de Carvalho, neles havia frases como “Olavo tinha razão”, que fazia alusão às suas ideias conservadoras.

Antes disso, também tivemos a PEC das Domésticas. A Emenda Constitucional 72 foi promulgada em 2013 e com ela foi possível estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os profissionais domésticos e os demais trabalhadores. Isto é, essas pessoas agora tinham o direito ao salário-maternidade, auxílio-doença, auxílio-acidente de trabalho, pensão por morte e aposentadoria por invalidez, idade e tempo de contribuição. Além disso, a Emenda Constitucional que se originou da PEC 66/2012 também tornou a jornada dessas trabalhadoras em 8 horas diárias e 44 horas semanais. Em 2015, elas ganharam o direito ao recolhimento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e a garantia do

²Disponível

em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/museu-de-sp-e-acusado-de-pedofilia-e-rebate-performance-nao-tem-conteudo-erotico/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

seguro-desemprego, salário-família, adicional noturno e de viagens, além da remuneração pelas horas extras. Seu salário passou a ter valor de até 50% superior ao de antes da emenda.³

A promulgação da PEC das Domésticas conseguiu atingir o conservadorismo de uma forma não positiva, isso porque os direitos trabalhistas agora também pertenciam a uma classe social que antes trabalhava sem nenhum direito, posto que as empregadas eram obrigadas a viver na casa dos patrões em quartos bem pequenos, sem ventilação e quase sem mobília, com horário indefinido e com o pagamento sendo visto e tratado não como uma forma monetária, mas sim com o discurso de “fazer parte da família”. Ademais, essa aprovação também não agradou a classe média conservadora que estava acostumada a pagar quase nada pelos serviços domésticos e a partir de então, precisava remunerar melhor as empregadas ou assumir as tarefas de casa. Enquanto as classes mais pobres passam a apoiar ainda mais o governo petista, a classe média conservadora passa a ter certo ressentimento pelo governo. Mais tarde isso é confirmado no governo de Jair Bolsonaro, quando o ministro da economia, Paulo Guedes, sugeriu que as empregadas domésticas deveriam trocar as viagens internacionais por nacionais.

Outro exemplo das guerras culturais e desse ressentimento da classe média aconteceu em 2010, quando um grupo de moradores de Higienópolis, bairro rico de São Paulo, organizou um abaixo-assinado para protestar contra a construção de uma estação de metrô na esquina da Avenida Angélica com a Rua Sergipe. Seus argumentos eram que o metrô ia aumentar o fluxo de pessoas, principalmente nos dias de jogos, já que o bairro é próximo do estádio do Pacaembu e, que assim, “ocorrências indesejáveis” iriam acontecer. (MELO; VAZ, 2021, p.20) A princípio, o governo cedeu ao protesto dos moradores, mas o discurso de uma moradora foi considerado preconceituoso com as pessoas que usam o transporte público: “Você já viu o tipo de gente que fica ao redor das estações do metrô? Drogados, mendigos, uma gente diferenciada”, afirmou a moradora do local. Uma resposta quase que imediata foi formada, o termo “Gente diferenciada” ficou entre os mais citados no twitter e um protesto com o nome foi criado, o “Churrascão da Gente Diferenciada” aconteceu no Pátio Higienópolis.⁴

³Disponível

em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/04/pec-das-domesticas-garantiu-igualdade-de-direitos-entre-trabalhadores#:~:text=PEC%20das%20Dom%C3%A9sticas%20garantiu%20igualdade%20de%20direitos%20entre%20trabalhadores,-Desde%20sua%20cria%C3%A7%C3%A3o&text=Entre%20os%20direitos%2C%20sal%C3%A1rio%20maternidade,idade%20e%20tempo%20de%20contribui%C3%A7%C3%A3o.> Acesso em: 30 ago. de 2022.

⁴Disponível

em: <https://exame.com/brasil/metro-em-higienopolis-se-transformou-na-maior-polemica-da-semana/>. Acesso em 21 ago. 2022.

Para os pesquisadores Paulo Vaz e Cristina Teixeira de Melo, esse desconforto da classe média está relacionado com a diminuição da desigualdade social. Até então, o Brasil tinha uma distribuição de renda muito desigual, o que torna a ascensão social de classes uma problemática para quem está no meio. Por não ser uma insatisfação fácil de ser assumida, essas pessoas usam a moralidade como uma forma de demonstrar e credibilizar o incômodo com o governo. Eles utilizam piadas e ironias para fazer isso, uma vez que não podiam assumir que seu ressentimento tinha a ver com a perda de seus privilégios. Para isso, as redes sociais se tornam o principal meio para o compartilhamento dessas opiniões que geram as guerras culturais, uma vez que elas trazem um certo distanciamento entre o discurso e seu autor e transformam discussões que antes eram privadas em públicas.

Dentro dessa realidade, as questões sobre gênero e sexualidade se tornaram pautas das disputas morais e uma das principais discussões aconteceu entre as igrejas evangélicas e cristãs e o governo petista. Em 2004, O Brasil sem Homofobia, Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra LGBT e Promoção da Cidadania Homossexual foi criado pela Secretaria Geral dos Direitos Humanos do Governo Federal em conjunto com a Sociedade Civil Organizada, com o intuito de dar fim a discriminação pela orientação sexual e combater a homofobia.

Um dos objetivos centrais deste programa é a educação e a mudança de comportamento dos gestores públicos. Buscamos a atitude positiva de sermos firmes e sinceros e não aceitarmos nenhum ato de discriminação e adotarmos um “não à violência” como bandeira de luta. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004, p.7)

Nesse contexto, surge a Escola sem Homofobia pensada e criada por parte da sociedade civil e com a orientação técnica da Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade (SECAD) do MEC, o programa tinha como objetivo a criação de materiais para a formação de professores/as, como o Caderno sem Homofobia, boletins informativos e vídeos. Esse material foi nomeado como “Kit de combate à homofobia nas escolas” e mais tarde foi apelidado de forma pejorativa como “kit gay” pelos opositores do governo. O kit nunca foi compartilhado, uma vez que a presidenta Dilma Rousseff negou a sua circulação depois de uma grande pressão criada pelos grupos religiosos.

O “kit gay”, em conjunto com as exposições artísticas expostas anteriormente, permitiram a criação de um discurso conservador sobre a criança vítima de pedofilia, que cria um cenário de pânico na população. Esse contexto foi utilizado como estratégia na campanha eleitoral de Jair Bolsonaro em 2018. Em vídeos em suas redes sociais, ele divulga o livro "Aparelho Sexual e Cia - Um guia inusitado para crianças descoladas", de Hélène Bruller,

publicado no Brasil pela Companhia das Letras, como parte do projeto Brasil sem Homofobia, trazendo a ideia de que o projeto atentava contra as crianças.⁵ Como já vimos anteriormente, o projeto ficou conhecido pejorativamente como “Kit Gay”, mas na verdade, ele era o projeto Brasil sem Homofobia e o livro nunca fez parte do kit, aliás ele nunca nem foi adquirido pelo MEC.

Esses conflitos morais ficaram ainda maiores durante as eleições presidenciais de 2018, a partir dos discursos do até então candidato Jair Bolsonaro e seus eleitores sobre questões culturais⁶, como as manifestações artísticas, os pensamentos e os valores⁷. Os conservadores brasileiros fizeram o uso das fake news sobre a “mamadeira de piroca” e o “kit gay” para criar um medo de que as crianças estariam em risco, caso a esquerda se elegeisse. Assim, criou-se uma inversão, o que antes era primordial na hora de escolher um candidato, como educação, saúde, emprego e transporte foi substituído ou vinculado às questões morais.

Ao assumir a presidência, Bolsonaro mantém o discurso de proteção das crianças, agora contra as “ideologias de gênero” e a favor do conservadorismo. A indicação da pastora Damares Alves para o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos prova o seu discurso, uma vez que para ela “menina veste rosa e menino veste azul”. Em 2019, com um ano do governo bolsonarista, o ministério de Damares em conjunto com o Ministério da Saúde lançam a campanha “Tudo tem seu tempo: adolescência primeiro, gravidez depois”. A ação tinha o intuito de estimular os jovens a não fazer sexo ou adiar o início da sua vida sexual para evitar a gravidez na adolescência e apresentava termos como “abstinência”, o que causou polêmicas nas redes sociais. Além disso, métodos contraceptivos, como camisinhas, DIU, anticoncepcionais, entre outros, não foram abordados. (MELO; VAZ, 2021, p.26) A campanha foi associada a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência e seu material publicitário foi veiculado nas redes sociais, outdoors e televisão aberta durante o mês de fevereiro.⁸

Além disso, os pensamentos do ideólogo Olavo de Carvalho se tornaram vigentes e acatados durante o governo bolsonarista. Como falado anteriormente, uma de suas ideias mais propagadas é o combate à hegemonia cultural de esquerda. E essa luta se inicia com uma medida provisória assim que Bolsonaro assume o governo em 02 de janeiro de 2019. Ele

⁵Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-ano-s.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2022.

⁶ Cultural aqui no sentido definido por James Hunter

⁷ Disponível em: <http://www.iea.usp.br/eventos/guerras-culturais>. Acesso em: 18 ago. 2022.

⁸Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/02/04/tudo-tem-seu-tempo-a-campanha-de-damares-contra-gravidez-precoces.htm>. Acesso em: 29 ago. 2022.

extinguiu o Ministério da Cultura (MinC) e criou a Secretaria Especial da Cultura (Secult) que primeiro foi vinculada ao Ministério da Cidadania e em 2021 foi transferida para a pasta do Turismo. Essa mudança mostra que, para seu governo, a cultura é menos importante que as outras áreas. É perceptível, o esforço do governo em diminuir a área cultural:

Além disso, é inegável o esforço do governo de impor uma agenda de direita no setor cultural. Bolsonaro tem acusado artistas e produtores culturais de se apropriarem de recurso público em benefício próprio através da Lei Rouanet. Em 2019, ele declarou que se o governo não pudesse impor algum filtro nas produções audiovisuais brasileiras, por meio da Agência Nacional do Cinema (Ancine), ele extinguiria a agência. Na ocasião, ele criticou o uso do dinheiro público para realização do que ele chamou de "filmes pornográficos" e defendeu que o cinema brasileiro passasse a falar dos "heróis brasileiros". (MELO; VAZ, 2021, p.27)

Algumas marcas de boicote à cultura nacional foram deixadas por ele, como o desmonte da Agência Nacional do Cinema (Ancine), acusações de censura, citações nazistas (discurso do dramaturgo Roberto Alvim que até então estava à frente da Secretaria Especial de Cultura, que em 2020 durante o lançamento do Prêmio Nacional das Artes, cita trechos de um discurso do ministro da Propaganda da Alemanha nazista), alusão e apoio à ditadura militar, troca de gestores (presidente da Fundação Cultural Palmares, o jornalista Sérgio Camargo que se auto intitula como “negro de direita”, é contra o movimento negro e apoia o fim do Dia da Consciência Negra), moral religiosa para a escolha de projetos que seriam financiados, entre outros.⁹

Para além do governo de Jair Bolsonaro, o conservadorismo brasileiro¹⁰, é totalmente baseado nos pensamentos do escritor Olavo de Carvalho, que apoiava a censura, o controle e as nomeações de pessoas que seguem a linha conservadora. Para ele, a esquerda pode ser identificada como os ‘comunistas’ da ditadura militar e atualmente essa classe política usaria a área cultural e da educação como um local para “militar”. Por acreditar em uma hegemonia cultural de esquerda que durou até 2018, Carvalho acreditava que a direita precisava combater a esquerda primeiramente por meio de uma transformação cultural, assim tornando possível que houvesse a transformação política e econômica tão desejada pelo conservadorismo. A direita tem o dever de criar uma intelectualidade cultural para dar início a essas transformações idealizadas por ele, por isso percebemos ataques constantes aos movimentos culturais no país. Sua influência é tão forte nesse governo que ele conseguiu indicar nomes

⁹Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/30/gestao-da-cultura-do-governo-bolsonaro-e-considerada-a-pior-das-ultimas-decadas-dizem-artistas>. Acesso em: 29 ago. 2022.

¹⁰ Alusão ao livro Guerra Cultural e Retórica do Ódio: crônicas de um Brasil pós-político de João Cezar de Castro Rocha.

para campos importantes da política brasileira como Ernesto Araújo para o Ministério das Relações Exteriores, Ricardo Vélez Rodríguez para o Ministério da Educação, Carlos Nadalim para Secretaria de Alfabetização do Ministério da Educação (MEC), Murilo Resende Ferreira para a Diretoria de Avaliação da Educação Básica do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), Adolfo Sachsida para a Secretaria de Política Econômica do Ministério da Economia e Filipe Martins para Assessoria da Presidência. (MELO; VAZ, 2021, p.28) Esses constantes ataques a área cultural são justificados pela ideia de que a cultura valorizada pela esquerda degrada a moralidade, não tem embasamento intelectual e contribui para acabar com os valores morais e tradicionais brasileiros.

É perceptível, portanto, que as guerras culturais no Brasil ganharam mais espaço e se consolidaram a partir de uma reação conservadora às políticas públicas e legislativas que foram criadas e implementadas durante os governos do PT, governo este que dava espaço para as minorias e contribuía para a diminuição das desigualdades sociais. Ademais, é importante relatar a relevância que os pensamentos do ideólogo Olavo de Carvalho tiveram para a criação de um movimento conservador e a sua disseminação entre os jovens e os demais brasileiros. Ele contribuiu para a consolidação do movimento conservador e para a disseminação das guerras culturais no Brasil, incitando temas polêmicos e trazendo a moralidade e os valores tradicionais como princípios para um governo, o que se estabeleceu no governo bolsonarista. Pode-se perceber também que a maior parte das indignações da direita contra o governo do PT tem relação com a perda de seus privilégios e por ser uma pauta problemática a ser exposta e tratada, a insatisfação dessa parte da população passa a ser colocada em pautas relacionadas às questões morais. Questões essas que antes eram discutidas na esfera particular e hoje em dia são pautadas publicamente e compartilhadas, principalmente, na internet, onde um distanciamento é colocado entre falas problemáticas e, até mesmo preconceituosas, e seu disseminador, criando assim um contexto onde as guerras culturais estão longe de ter um fim.

3. A era da desinformação

Segundo o filósofo Michel Foucault em seu livro “A Coragem da Verdade”, o conceito de parresía pode ser empregado em dois valores, o primeiro com valor pejorativo, quando entende-se que pode “dizer tudo, no sentido que se diz qualquer coisa (qualquer coisa que passe pela cabeça, qualquer coisa que possa ser útil à causa que se defende, qualquer coisa que possa servir à paixão ou ao interesse que anima quem fala).” (FOUCAULT, 1984, p.10). O segundo valor é positivo e aqui consiste em “dizer a verdade, sem dissimulação, nem reserva nem cláusula de estilo nem ornamento retórico que possa cifrá-la ou mascará-la. O ‘dizer tudo’ é nesse momento dizer a verdade sem dela nada esconder, sem escondê-la com o que quer que seja.” (FOUCAULT, 1983-1984, p.11). Nesse sentido, Foucault defende que para dizer a verdade é necessário que haja coragem. No entanto, para entendermos como a era da desinformação se estabeleceu durante as eleições do governo Bolsonaro e de Trump, precisamos ter em mente que o conceito de parresía que pode definir essa era, é o pejorativo. Para os cientistas norte-americanos, W. Lance Bennet e Steven Livingston, a era da desinformação pode ser definida como:

No argumento que se segue, nós definimos a desinformação como uma falsidade ou distorção intencional, frequentemente espalhada como notícias, para contribuir para objetivos políticos assim como desacreditar seus oponentes, prejudicando debates políticos, influenciando votos, piorando os conflitos sociais existentes ou criando um pano de fundo geral de confusão e paralisia informacional. (BENNET; LIVINGSTON, 2020, p.3, tradução nossa)¹¹.

A era da desinformação é caracterizada pelo compartilhamento em massa de conteúdos falsos e/ou imprecisos e pode ser relacionada com o sentido pejorativo de parresía, uma vez que, essa disseminação de conteúdos falsos relaciona-se com as causas e valores individuais. Isto é, esse crescimento da desinformação foi possível, pois parte da população compartilhava essas informações sem verificar a sua veracidade, apenas porque elas diziam aquilo que eles acreditavam ou que iam de acordo com seus valores morais. Assim, cria-se uma realidade em que a difusão de informações saiu do campo jornalístico, ou seja, quase não há mais nenhum embasamento factual nas informações compartilhadas no meio virtual.

Para as pesquisadoras Ana Regina Rêgo e Marialva Barbosa existe um processo de centralidade midiática no Brasil, isto é, segundo o *Media Ownership Monitor* (MOM), os cinquenta maiores veículos de comunicação brasileiros são controlados por poucos grupos,

¹¹ No original: “In the argument that follows, we define disinformation as intentional falsehoods or distortions, often spread as news, to advance political goals such as discrediting opponents, disrupting policy debates, influencing voters, inflaming existing social conflicts, or creating a general backdrop of confusion and informational paralysis”.

aos quais 26 deles estão relacionados a apenas uma família. Essa realidade reflete diretamente na sociedade, uma vez que influencia a composição e opinião do sujeito, comprometendo a sua opinião como cidadão consciente, isso acontece porque ocorre uma defasagem na pluralidade de opinião, na diversidade de posicionamentos e na liberdade. No entanto, atualmente, esse monopólio no compartilhamento de informações começou a ser dividido com as grandes empresas do meio virtual:

O monopólio pelo direito de fala e de formação de público, entretanto, hoje é compartilhado com as empresas e grandes plataformas do mercado virtual de produção de conteúdo a partir do próprio sujeito consciente ou inconsciente de si, mas consciente de seu poder de fala. Esse compartilhamento na produção de conteúdos implica também na divisão de poderes de influência do público e para o público e tem complicado a vida do mercado da informação e do campo político tradicional, visto que a produção informativa saiu da esfera do profissional da comunicação, cujo *habitus* (Bourdieu, 1998) limitava sua atuação ética e se espalhou pelos cidadãos em geral, cujos valores são o guia para a produção informativa, e não as bases de um campo jornalístico, por exemplo. (RÊGO; BARBOSA, 2020, p. 28-29)

Embora a internet não seja a grande culpada por essa realidade, a sua criação permitiu que houvesse uma disseminação de conteúdos imprecisos, isso porque, não existe uma regulamentação correta do que pode ser compartilhado no meio virtual. Além disso, é a partir dela que a difusão de informações começa a sair do campo jornalístico e passa a ser difundido por qualquer pessoa que tenha acesso à internet. Apesar de ajudar a democratizar a informação e a cultura, essa ferramenta também foi danosa para a própria democracia, uma vez que as redes sociais se tornaram um dos principais locais das disputas morais, permitindo uma realidade em que ataques à liberdade de imprensa, aos direitos das minorias e ao conhecimento científico fossem feitos e espalhados sem que houvesse uma punição para essas pessoas. Esses ataques que, na maior parte das vezes, eram acompanhados de informações falsas, criaram um cenário de desconfiança acerca das instituições democráticas e a justiça, a ciência, o jornalismo e a política. (SILVA, 2021, p.14)

Pode-se pensar, portanto que, apesar de contribuir para a democratização do acesso à cultura e a informação, as redes sociais e a internet, devido a sua falta de regulamentação, também contribuíram para um cenário de distribuição e envio de desinformação em massa:

As redes sociais, inicialmente, pensadas como lugar para uma cultura de cooperação e convergência (Jenkins, 2008), vêm sendo cada vez mais utilizadas como o lugar propício para a aplicação de estratégias virtuais pautadas em um modelo psicológico, muitas vezes behaviorista, em que o estímulo e resposta são projetados desde a origem; fonte de criação de *trollagem* e de informações falsas, ou, na concepção trumpiana, de verdades alternativas, adotadas tanto no governo norte-americano como pelos atuais palacianos brasileiros. (RÊGO; BARBOSA, 2020, p.38)

Para a crítica literária Michiko Kakutani, os ataques a verdade estão acontecendo no mundo todo devido às ondas de fundamentalismo e populismo vigentes, que acarretaram em um cenário em que as pessoas optam por se apegar a ideia do medo e ao sentimento da raiva ao invés dos debates sensatos baseados em temas relevantes para o país, como educação, saúde, cultura, etc. Essa realidade permitiu uma troca feita pela população, a verdade que antes era baseada pela voz dos especialistas é substituída pela opinião das multidões. (KAKUTANI, 2018, p. 9)

Essa substituição criou um cenário de ataques constantes às instituições democráticas, ou seja, os cientistas, jornalistas e especialistas que antes eram escutados e creditados passaram a sofrer ofensas e difamações por essa parte da população, possibilitando uma realidade de disseminação de inverdades e ataques constantes a tudo que era contra ao que esses grupos acreditavam. Esse contexto foi criado, principalmente, devido ao “incentivo, financiamento e planejamento de partidos, políticos e pessoas ligadas à extrema-direita”. (SILVA, 2021, p.20) O pensamento de Kakutani abordado acima pode ser relacionado com a polarização política criada devido às grandes disputas morais postas na sociedade, visto que o outro lado sempre é visto como inimigo e como aquele que deve ser derrotado. Percebe-se, portanto, que, quando a opinião da sociedade é fragmentada de uma forma tão dual, a verdade passa a ser relativa, isto é, as pessoas passam a acreditar naquilo que conversa com a sua própria opinião, mesmo que essa informação não tenha base factual.

Quando a verdade é tão fragmentada, tão relativa, observou Orwell, abre-se um caminho para que algum ‘líder ou algum grupo dominante’ dite em quem deve-se acreditar: ‘Se o líder diz que determinado evento nunca aconteceu - bem, aquilo nunca aconteceu’. (KAKUTANI, 2018, p.40)

Podemos abordar o argumento de subjetividade criado pelos pensadores pós-modernos, em que afirmam que “todas as verdades são parciais e dependem da perspectiva de uma pessoa”, o que criou uma abertura de defesa para explicar que existem diversas maneiras de entender e apresentar um acontecimento, e permitiu que líderes usassem de sua visibilidade para espalhar a sua própria verdade. Ao mesmo tempo que esse conceito deu voz para as minorias, ele também foi explorado a fim de defender “teorias ofensivas ou desacreditadas, ou equiparar coisas que não podem ser equiparadas.” (KAKUTANI, 2019, p.54). Esse pensamento permitiu argumentos relacionados a “incertezas” e “lados diferentes” para justificar discursos preconceituosos, intolerância e violência.

Donald Trump quando cria a ideia de *hipérbole verdadeira* em seu livro “A arte da negociação” permite que seus seguidores tomem como verdade as suas falas, mesmo que

sejam falsas, e as espalhem como verdadeiras com a justificativa da hipérbole. Percebe-se, então que Trump faz um movimento de defesa, ao mesmo tempo em que ele espalha a desinformação que contribui para gerar um medo na sociedade, quando questionado, ele justifica a sua fala com a ideia de hipérbole, o que estimula os seus seguidores a fazerem o mesmo. No Brasil, a estratégia usada por Bolsonaro é a mesma:

Enfim, na maioria das vezes em que o presidente Bolsonaro fala de algum tema relevante socialmente, o faz sem a necessária observação da factualidade e lança suas opiniões e afirmações sem se preocupar com algum fundo de realidade, trabalhando potencialmente a ideia de Donald Trump de hipérbole verdadeira. Bolsonaro, tanto quanto Trump, explora os valores arraigados em nossa sociedade conservadora e potencializados pelo homem comum, que, sem dispor de criticidade, naturaliza a realidade. A entrada para as narrativas falsas ou imprecisas vem pelas memórias temporais e que se concentram em ideologias negacionistas, como a de que os indígenas e quilombolas são preguiçosos, que brasileiros de esquerda são comunistas e comunistas são pessoas do mal, etc. As narrativas de Bolsonaro somente ecoam positivamente em seu favor, porque encontram em sua audiência valores similares e reconhecimento. (RÉGO; BARBOSA, 2020, p.156)

Nesse contexto, podemos perceber que a polarização política cria uma narrativa em que só um lado é visto e para credibilizar essas opiniões, notícias sem comprovação factual começam a ser espalhadas. Bolsonaro e Trump ao justificarem suas falas com a ideia de *hipérbole verdadeira* utilizam o conceito pejorativo da parresía, aquele que não tem relação com a verdade e nem com a coragem, possibilitando um cenário de desinformação em massa disseminado nas redes sociais devido a falta de regulamentação, o que faz com que a população seja colocada em um estado de desorientação (SILVA, 2021, p. 54), sem saber o que é verdade ou mentira e no que acreditar.

Portanto, o presente capítulo busca mostrar como as campanhas de desinformação durante os governos de Bolsonaro e Trump basearam-se nas teorias da conspiração e na criação do medo, o que criou um cenário em que as instituições democráticas foram desacreditadas e criou um espaço para a disseminação e narrativa do ódio. Afinal, os próprios presidentes legitimavam e faziam esses discursos, o que dava munição para que seus seguidores se sentissem seguros para fazerem o mesmo.

3.1. Fake news, teorias da conspiração e a polarização política

“Os democratas não têm relevância. A verdadeira oposição é a mídia. E o jeito de lidar com eles é inundar a área com merda (tradução nossa).”¹², afirma Steve Bannon¹³, editor do “Breitbart News” e ex-estrategista de Donald Trump para o escritor Michael Lewis, no início de 2018. A afirmação defendida acima explica como o cenário das *fake news* tornou-se possível durante os governos conservadores. A sua estratégia é menosprezar e enfraquecer as informações e convicções de domínio público compartilhadas pelas instituições democráticas, a fim de criar um cenário em que as pessoas fiquem em dúvida sobre o que é real ou não, em um estado de desorientação. Fazendo isso, eles conseguem manipular e determinar os assuntos que eles querem que sejam abordados e discutidos de acordo com seus interesses próprios, de forma que eles sejam beneficiados. (SILVA, 2021, p.25)

Essa estratégia pode ser percebida tanto nos debates políticos quanto no compartilhamento em massa das *fake news*, notícias falsas que são feitas para parecerem verdadeiras, baseando-se nas notícias tradicionais. Para além das inverdades, essa estratégia também estimula ataques constantes às mídias e aos profissionais da área, vistas com frequência durante os governos de Trump e Bolsonaro. Um dos exemplos que mostram essa guerra criada entre os conservadores e a imprensa pode ser vista abaixo. Na imagem retuitada por Trump na véspera do Natal de 2017, ele está sentado em um carro e o logotipo da empresa jornalística CNN aparece em sua sola de sapato em cima de uma mancha de sangue (SILVA, 2021, p. 28-29). (Figura 1)¹⁴

¹² No original “*The Democrats don’t matter. The real opposition is the media. And the way to deal with them is to flood the zone with shit.*”

¹³ Disponível em: <https://edition.cnn.com/2021/11/16/media/steve-bannon-reliable-sources/index.html>. Acesso em: 19 out. 2022.

¹⁴ Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2017/12/24/trump-retweets-image-depicting-cnn-squashed-be-neath-his-shoe/>. Acesso em: 19 out. 2022.

Figura 1: Imagem de Trump com logo da CNN cercado por sangue na sola do seu sapato



Fonte: The Washington Post¹⁵

Uma pesquisa feita pelo projeto *US Press Freedom Tracker* mostra que durante cinco anos e meio, de 15 de junho de 2015, quando Donald Trump declarou a sua candidatura à presidência dos Estados Unidos, até a sua conta do Twitter ser suspensa em 8 de janeiro de 2021, ele fez 24.500 tweets, das quais 2.520 eram contra a imprensa.¹⁶ Os alvos dos seus ataques incluíam jornalistas e empresas de comunicação.

No Brasil, Jair Bolsonaro imita a estratégia de Trump de desacreditar profissionais e veículos de comunicação que façam matérias contrárias a ele. Assim que assumiu o governo em 2019, em sua primeira entrevista à Rede Globo, ele afirmou que o jornal Folha de S. Paulo é “a maior fake news do Brasil”. Esse não foi o primeiro ataque sofrido pelo jornal, em outubro de 2018, ele disse “a mamata da Folha vai acabar, mas não é com censura não! O dinheiro público que recebem para fazer ativismo político vai secar”.¹⁷

¹⁵Disponível em:

<https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2017/12/24/trump-retweets-image-depicting-cnn-squashed-be-neath-his-shoe/>. Acesso em: 19 out. 2022.

¹⁶ Trump tuitou mais de uma vez por dia contra a imprensa em 5 anos e meio. Media Talks, 2021. Disponível em:

<https://mediatalks.uol.com.br/2021/01/20/trump-tuitou-mais-de-uma-vez-por-dia-contra-a-imprensa-em-5-anos-e-meio/>. Acesso em: 19 out. 2022.

¹⁷ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/29/politica/1540845417_382630.html. Acesso em: 18 out. 2022.

Em outubro de 2019, Bolsonaro publicou um vídeo¹⁸ nas suas redes sociais com a seguinte legenda: “Chile, Argentina, Bolívia, Peru, Equador... Mais que a vida, a nossa LIBERDADE. Brasil acima de tudo! Deus acima de todos!”. A produção mostra um leão que representa ele mesmo cercado por hienas, que são identificados como diversas organizações, entre elas: o Supremo Tribunal Federal (STF), a Organização das Nações Unidas (ONU), o PSL, seu partido até então, alguns partidos como o PT, o PCdoB, O Psol, o PDT, etc, e os veículos de comunicação como a TV Globo, os jornais a Folha de S. Paulo e o Estado de São Paulo e a revista Veja. O fim do vídeo mostra o protagonista sendo salvo por outro leão identificado como o “patriota conservador” e na tela aparece uma mensagem de apoio ao presidente "vamos apoiar o nosso presidente até o fim! E não atacá-lo! Já tem a oposição pra fazer isso!". (Figura 2)

Figura 2: Captura de tela do *tweet* de Jair Bolsonaro em seu perfil da rede social Twitter



Fonte: Folha de São Paulo¹⁹

¹⁸Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/apos-repercussao-negativa-bolsonaro-apaga-video-em-que-nominava-lis-ta-de-inimigos/>. Acesso em: 19 out. 2022.

¹⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/em-video-no-twitter-bolsonaro-se-compara-leao-equipara-stf-hiena-prestes-ataca-lo-24047472>. Acesso em: 19 out. 2022.

Segundo pesquisas da ABRAJI (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), de janeiro de 2018 até o primeiro turno das eleições do mesmo ano, em 7 de outubro, 137 jornalistas foram agredidos ou ameaçados enquanto faziam a cobertura das eleições. Dentre esses casos, 62 referem-se a agressões físicas e 75 a ataques e ameaças por meio virtual.²⁰ Os ataques foram feitos pelos apoiadores de Bolsonaro e tem relação com as próprias falas dele, que dissemina ódio aos profissionais da área e estimula seus seguidores a fazerem o mesmo.

A criação dessa narrativa que coloca os jornalistas e os jornais tradicionais como as “fake news” possibilita que o compartilhamento de informações falsas ganhe espaço e sejam creditadas, baseando-se no contexto de pós-verdade, em que “[...] circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal.” (OXFORD DICTIONARIES, 2016 apud RÊGO; BARBOSA, 2020, p.74). Essa ideia cria então espaço para a criação de teorias da conspiração que legitimam os discursos feitos tanto pelo ex-presidente norte-americano quanto pelo brasileiro. Afinal, essas teorias vão afetar, principalmente, os valores morais individuais e mexer com as emoções da população, criando uma narrativa do medo.

Segundo o professor da Universidade de São Paulo, Paolo Demuru, “líderes populistas de direita em todo o mundo estariam usando estratégias discursivas para ilustrar e comunicar a sua ideologia política nas mídias sociais”(DEMURU, 2020, p. 265). Um dos principais recursos usados nos discursos desses políticos, seria as teorias conspiracionistas como o *QAnon* e A Grande Substituição (Tradução nossa)²¹, a primeira trata-se de uma narrativa onde um grupo de pedófilos adoradores de Satanás estaria conspirando contra a população dos Estados Unidos e seu ex-presidente Donald Trump. A segunda afirma que um grupo de elite planejava substituir a população europeia por populações dos países Árabes, do norte da África e do Oriente Médio. Nota-se ainda que a maior parte das teorias da conspiração se baseiam em uma dicotomia: a luta entre a elite que é associada ao mal e ao povo que busca o bem. Nessa conjuntura, entende-se que a elite está sempre fazendo planos escondidos para prejudicar a nação e o seu salvador, a fim de dominar o povo. Esse domínio estabeleceria a elite adoradora de Satanás no poder e colocaria as crianças e os conceitos tradicionais em risco. (DEMURU, 2020, p. 265)

O atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, também usou das narrativas conspiracionistas para se eleger, usando discursos repetitivos sobre como a população

²⁰Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/em-2018-137-jornalistas-sofreram-agressao-ou-ameaca-ao-cobrir-eleicao/>. Acesso em: 18 de out. 2022.

²¹ No original: “*The great replacement*”

brasileira estaria em risco com o governo esquerdista. Bolsonaro surge como um potencial candidato a Presidente da República em 17 de abril de 2016, durante a sessão da Câmara dos Deputados de abertura do processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff. Seu voto foi a favor do impeachment com a seguinte justificativa: “Pela família e a inocência das crianças (...), contra o comunismo, para nossa liberdade e contra o Foro de São Paulo”²², o vídeo logo tornou-se viral e a *hashtag* #BolsonaroPresidente ficou em primeiro lugar nas trending topics do twitter. Não foi a primeira vez que o candidato citou o Foro de São Paulo, em 2015, ele publicou um vídeo em seu twitter com as seguintes afirmações: “graças à mentira, ao populismo e ao clientelismo, o Brasil chegou hoje ao caos econômico e moral. Sabemos que a causa de nossos problemas é o Foro de São Paulo, cujos integrantes visam o poder absoluto”. (DEMURU, 2021, p.3)

O Foro de São Paulo foi fundado em 1990 e é uma organização destinada ao encontro e debate que envolve os partidos políticos e movimentos de esquerda na América Latina e Caribe²³. Ele foi alvo de teorias da conspiração criadas por parte da extrema-direita brasileira e uma das mais conhecidas foi a de que a organização teria criado um plano oculto em que toda a América Latina seria dominada pelo comunismo, o que levaria ao declínio econômico brasileiro²⁴. (DEMURU, 2021, p.4). O pesquisador Paolo Demuru salienta as diversas vezes em que o Foro foi citado por Bolsonaro como uma possível ameaça ao Brasil:

Na esteira de tais insinuações, Bolsonaro descreveu repetidamente o Foro de São Paulo como “o motor principal das transformações históricas do continente [...] uma engenharia de alienação [que fortalecia] um esquema de poder que se alimentava de sua própria invisibilidade”, para retomarmos as palavras de um vídeo publicado em seu perfil em outubro de 2017. Mesmo após a eleição de 2018, o trend narrativo seguiu inalterado. Em outubro de 2019, diante da possível vitória de Alberto Fernandez, herdeiro de Cristina Kirchner, no pleito presidencial argentino, Bolsonaro alertava assim seus seguidores : “ATENÇÃO ! O Foro de São Paulo segue com seu plano de trazer instabilidade a toda América Latina”. (DEMURU, 2021, p.4)

As teorias apoiadas por ele são vigentes desde que ele se tornou um potencial candidato à presidência da República e elas se baseiam, principalmente, em acusações, que não tem relação com a verdade, contra o Foro de São Paulo, os ex-presidentes dos Partidos dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, à China, entre outros. Segundo o pesquisador Paolo Demuru:

Estamos aqui diante de uma articulação íntima e profunda entre incoatividade e duratividade, ou melhor, entre uma “quase-incoatividade” e

²² Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/19/politica/1461019293_721277.html. Acesso em: 18 out. 2022.

²³ Disponível em: <https://www.infoescola.com/politica/foro-de-sao-paulo/>. Acesso em: 18 out.2022.

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ANqSdWvTlo>. Acesso em: 18 out. 2022.

uma “eterna duratividade”. A catástrofe bolsonarista oscila amiúde entre o “já aqui” e o “ainda não”, entre o “desde sempre” e o “a qualquer momento”. É este o paradoxo aspectual que define sua cifra temporal, o seu primeiro e peculiar traço distintivo. (DEMURU, 2021, p.4)

Essa percepção temporal é usada como uma estratégia para a criação de um sentimento de medo. Em seus discursos, Bolsonaro faz uso de preposições como “em poucos dias” e “a qualquer momento”, como narrativa para as suas afirmações, ou seja, ele utiliza as teorias da conspiração para a criação de um medo. Assim, faz uso de discursos caso ele não seja eleito, como o Foro de São Paulo está prestes a conseguir realizar o plano que vem a tanto tempo planejando, a esquerda vai aprovar o “kit gay”, apoiar a pedofilia e o comunismo vai assumir o país. A ideia de criar um contexto de que essas ameaças estão mais próximas do que a população pensa gera um pânico geral e um movimento que tem como objetivo a salvação da pátria e dos valores tradicionais.

Essa narrativa foi criada por ele e pode ser creditada, pois líderes populistas surgem como espécies de “salvadores da pátria”, assim permitindo que os adeptos dessas teorias conspiracionistas os coloquem como os escolhidos para levar e guiar o povo contra as elites que planejam o mal e ameaçam o país, as criancinhas e os valores tradicionais. Além disso, esses políticos conseguem ganhar uma percepção messiânica com a política e a religião andando em conjunto.

3.2. A criação da imagética messiânica de Bolsonaro

Essa escolha imagética está de acordo com as escolhas que Bolsonaro fez em sua eleição e para a imagem que ele continuou mantendo depois de eleito. A sua campanha política foi toda baseada em discursos religiosos, em que o mostram como o possível “salvador da pátria”, isso fica evidente quando ele usa seu segundo nome, Messias, como pretexto para justificar essa narrativa. Além disso, o seu jargão “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos.” é um exemplo claro da estratégia usada por ele.

Figura 3: Captura de tela de imagens postadas no Instagram de Jair Bolsonaro



Fonte: Instagram²⁵

Desse modo, conseguimos perceber como as imagens acima (Figura 3) com uso e efeito encenados contribuíram para alimentar a aura messiânica criada e desenvolvida durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro e como essas imagens ainda contribuem para manter esse sentido ativo aos seus apoiadores. As duas imagens dispostas acima mostram que o enquadramento, as luzes e o fundo criam uma aura messiânica ao presidente. Além disso, é possível notar que as estrelas ao redor de sua cabeça fazem uma alusão às auréolas usadas por santos e anjos religiosos. Essas fotos podem ser notadas em todo seu perfil do Instagram, elas se repetem, em cores e posicionamentos diferentes, mas a aura religiosa sempre é mantida. (Figura 4)

Figura 4: Captura de tela de imagem postada no Instagram de Jair Bolsonaro



Fonte: Instagram²⁶

²⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/jairmessiasbolsonaro/>>. Acesso em 23 jul. 2022.

²⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/jairmessiasbolsonaro/>>. Acesso em 23 jul. 2022.

Outro exemplo dessa narrativa messiânica aconteceu em doze de abril de 2020, em pleno domingo de Páscoa, quando o presidente associou a facada que levou em 2018 com a ressurreição de Cristo: “Hoje foi um dia muito especial. Eu queria falar uma coisa, já que hoje se fala em ressurreição. Eu não morri, mas estive no limite da morte”.²⁷ Essa construção de imagem aconteceu durante toda a eleição de 2018, a qual grande parte de seus discursos tinham caráter religioso, onde ele era colocado como grande salvador. Para além da eleição, esse é um discurso disseminado por ele e seus eleitores até hoje. Dessa forma, essa criação contribuiu para afirmar as teorias da conspiração criadas e disseminadas por meio das *fake news*, às quais afirmavam a criação de planos secretos contra ele, contra o Brasil e os brasileiros, em que ele sempre se associava a religião para mostrar que salvaria o povo contra esses planos malignos. Em seu discurso de posse, em 1º de janeiro de 2019, ao lado da primeira-dama Michelle Bolsonaro e do seu vice Hamilton Mourão (PRTB), Bolsonaro afirmou que “a bandeira do Brasil jamais será vermelha”, a menos que seja preciso “nosso sangue para mantê-la verde e amarela”.²⁸ Seus discursos reforçam a ideia messiânica criada por ele em seu governo, além de trazer a conotação de mártir, aquele que morreria para salvar a sua nação.

Criar essa equiparação com a religião permite que políticos conservadores sejam vistos como possíveis salvadores da pátria, como aqueles que vão salvar a nação da corrupção e vão manter os valores tradicionais seguros.

Políticos que se dizem outsiders se lançam como alternativas para um sistema vendido midiaticamente como prejudicial à sociedade, e se colocam como salvadores de cada nação. Jair Messias Bolsonaro, Boris Johnson e Donald Trump são exemplos de personagens que se destacaram nesse cenário de desilusão com a democracia liberal. (RÊGO; BARBOSA, 2020, p. 27)

Essa criação da imagética mística-cristã é percebida, principalmente, na construção política de Jair Bolsonaro. Outros candidatos que possuem discursos políticos baseados na dinâmica messiânica religiosa, não fazem ou fazem pouco uso da construção de imagens baseadas na narrativa religiosa cristã, isto é, essa construção imagética está vinculada principalmente ao ex-presidente brasileiro. Isso ocorre devido às culturas de cada país e é perceptível que o cristianismo ainda é muito forte no Brasil: segundo uma pesquisa realizada

²⁷Disponível em:

<https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-associa-facada-a-ressurreicao-em-live-com-religiosos>. Acesso em: 22 jul. 2022

²⁸Disponível

em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/01/01/bolsonaro-bandeira-so-sera-vermelha-se-for-preciso-nosso-sangue.htm>. Acesso em: 26 out.2022.

pelo Datafolha em 2020, 50% dos brasileiros são católicos e 31% evangélicos.²⁹ Dessa forma, torna-se perceptível que a estratégia política usada por Jair Bolsonaro foi baseada em questões que concernem a religião e os valores dos cristãos. Por isso, ele uniu um discurso conservador e de “protetor” dos valores tradicionais e criou uma imagética própria, a qual ele era visto e colocado como aquele que salvaria a nação das desvirtudes da esquerda, o “enviado por Deus”.

Ademais, segundo o pesquisador Paolo Demuru, o sucesso desse discurso messiânico ganhou força devido “à razões históricas, sociais e políticas” (2020, p.10), ou seja, além dos números que apontam a quantidade de cristãos no Brasil, é preciso ressaltar que a queda da esquerda, com a era Lula e do PT, no impeachment da presidente Dilma em 2016 e a prisão de Lula em 2018 com a operação Lava Jato, contribuíram para pensamentos anti políticos, em que “todo o sistema político brasileiro passa a ser visto como corrupto e moralmente degradado”. Foi nesse cenário que o populismo bolsonarista messiânico surgiu e a imagética cristã começou a ser estabelecida. Bolsonaro foi batizado no Rio Jordão em 2016 pelo Pastor Everaldo e sua candidatura foi apoiada por dois pastores com imensa visibilidade no Brasil, Edir Macedo e Silas Malafaia. (DEMURU, 2020, p.10-11).

Para entender melhor como essa imagem foi construída, podemos citar o professor Rubens Pileggi Sá. Para ele, as imagens vão além do que aquilo que aparentam e ao associar seu pensamento às fotos características de Bolsonaro podemos perceber isso. Isto é, as fotos usadas por ele em seu Instagram mostram imagens de discursos públicos dele, mas a construção da imagem entrega uma imagética enraizada nos brasileiros, uma vez que a maior parte da sociedade já teve contato com imagens religiosas, e ao verem as imagens do presidente, podem criar, mesmo que involuntariamente, uma percepção religiosa e divina relacionada a ele. Isso acontece por meio da associação da auréola usada por anjos e santos e as auréolas criadas por posicionamento e edições nas imagens postadas em sua página oficial do Instagram.

Ou seja, a imagem não é só aquilo que aparenta, mas, também, aquilo que esconde. Entregues à retina, não se conformam à rotina, uma vez que, qualquer imagem, ao ser olhada, passa pelo filtro cultural a qual seu observador está submetido. Portanto, toda imagem é uma construção que aponta em uma direção que, independente da época em que foi “inventada”, reconfigura o nosso próprio presente, atualizando nossos sentidos. (SÁ, 2013, p.338)

²⁹ Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 24 jul. 2022.

É válido ressaltar que essa criação messiânica, a qual pode-se perceber nas imagens veiculadas pelo ex-presidente tem a ver com as próprias construções de vida de cada indivíduo, ou seja, a narrativa religiosa criada só pode ser percebida de acordo com as nossas próprias percepções em relação às percepções do outro, isto é, criamos o nosso entendimento sobre assuntos a partir de conhecimentos pessoais que obtemos pela troca com os outros, pelo meio no qual estamos inseridos:

Construímos nossa narrativa por meio de ecos de outras narrativas, por meio da ilusão do auto-reflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico, por meio da fofoca, dos devaneios, dos preconceitos, da iluminação, dos escrúpulos, da ingenuidade, da compaixão, do engenho (MANGUEL, 2009, p. 28)

Para o escritor Alberto Manguel: “O que vemos é a pintura traduzida nos termos da nossa própria experiência. Conforme Bacon sugeriu, infelizmente (ou felizmente) só podemos ver aquilo que, em algum feito ou forma, nós já vimos antes” (2009, p.27), ou seja, conseguimos perceber essa aura messiânica nas fotos de Bolsonaro, porque já vimos ela em santos e anjos anteriormente.

Ademais, é importante ressaltar as *fake news*, uma vez que aconteceu uma articulação temático-figurativa em grupos de whatsapp durante as eleições de 2018. Isto é, Bolsonaro conseguiu criar uma imagética cristã tão forte que seus seguidores começaram a compartilhar imagens editadas, as quais Jair Bolsonaro sempre era posto como o salvador da pátria ou como o abençoado por Deus.

Figura 5: Imagem de Jair Bolsonaro caracterizada como meme e compartilhada em grupos do *Whatsapp*



Fonte: Carta Capital³⁰

A consequência dessa narrativa de imagética cristã pode ser percebida quando Jair Bolsonaro emerge como o salvador da Pátria. Na imagem acima (Figura 5) podemos perceber o caráter messiânico, no qual mostra que ele luta contra seus inimigos enumerados: os universitários, a Globo e a classe artística.³¹ Esses oponentes são vistos como “forças de destruição” contra os cristãos. (DEMURU, 2020, p. 17) E ele é colocado sempre como aquele que se arrisca pela nação, a frase “Ele encarou o sistema e não ficará sozinho” representa bem essa ideia.

Outra imagem que representa essa ideia de salvador associado ao Messias é uma montagem em que um cavaleiro cruzado carrega a bandeira do Brasil com o texto acima

³⁰ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/a-cristologia-cristofascista-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 26 out. 2022.

³¹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/a-cristologia-cristofascista-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 26 out. 2022.

“Vamos salvar o Brasil” e abaixo na figura “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, o que traz a ideia, mais uma vez, de “linguagem religiosa-salvacionista”.³² (Figura 6)

Figura 6: Imagem de Jair Bolsonaro caracterizada como meme e compartilhada em grupos do *Whatsapp*



Fonte: Carta Capital³³

É importante ressaltar sobre a expressão em latim "Deus Vult" que em português significa "Deus quer". Esse termo vem sendo utilizado desde 2016 quando Donald Trump ganhou as eleições nos Estados Unidos e faz referência a resposta do povo ao Papa Urbano II quando ele anunciou a Primeira Cruzada. Atualmente, ela é muito utilizada por grupos

³² Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/a-cristologia-cristofascista-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 26 out. 2022.

³³ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/a-cristologia-cristofascista-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 26 out. 2022.

conservadores para defender as suas causas e ideais. Para o professor de História Medieval da Universidade Federal Fluminense, Paulo Pachá, a frase envolve vários preconceitos, como o racismo, a islamofobia, o machismo e a homofobia. Segundo ele, “Essa Idade Média aparece como um passado idealizado por esses grupos, onde você teria uma sociedade que é majoritariamente, se não exclusivamente, branca, cristã e patriarcal.” (PACHÁ, 2019)³⁴

Esse termo é muito utilizado para fazer uma referência a uma nova cruzada que estaria acontecendo hoje. Essa ideia tem relação com uma visão “idealizada e parcial sobre o que foi o período” (PACHÁ, 2019). O que esses grupos conservadores acreditam é que foi uma época patriarcal, conservadora e cristã, o que condiz com todos os seus interesses atuais, apesar desta idade média não ter existido.³⁵ Por isso, essa imagem citada acima (Figura 6) foi mais uma cópia do governo de Jair Bolsonaro em relação ao governo de Donald Trump, uma vez que imagens com esse teor já estavam sendo veiculadas nos Estados Unidos bem antes dessa ideia chegar ao Brasil.

Figura 8: Imagem caracterizada como meme que mostra o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, como um guerreiro cruzado defendendo a América contra um inimigo muçulmano



Fonte: Haaretz³⁶

³⁴ Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/30/politica/1556658788_493763.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM&ho otPostID=2df078834a7f220f887f7d829c5962ba. Acesso em: 08 jun. 2023.

³⁵ Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/30/politica/1556658788_493763.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM&ho otPostID=2df078834a7f220f887f7d829c5962ba. Acesso em: 08 jun. 2023.

³⁶ Disponível em:

<https://www.haaretz.com/us-news/2018-11-15/ty-article-opinion/.premium/trump-feeds-global-conspiracy-theories-of-a-jewish-muslim-plot-against-christianity/0000017f-db53-d3ff-a7ff-fbf3075f0000>. Acesso em: 08 jun. 2023.

Podemos perceber, portanto, que nos Estados Unidos a narrativa cristã foi mais baseada no conceito de “Deus Vult” e com a ideia de que Trump seria o guerreiro que lutaria para salvar a nação norte-americana. No Brasil, essa ideia se mescla com os ideais cristãos de igrejas evangélicas que ganham bastante força a favor de Bolsonaro e mostra que ele realmente era visto como o Messias, o predestinado a salvar a nação brasileira. As ideias convergem, uma vez que a estratégia política bolsonarista é completamente baseada na estratégia utilizada por Trump.

Para dar continuidade a narrativa cristã bolsonarista, no dia 06 de setembro de 2018, Jair Bolsonaro levou uma facada durante um ato de campanha em Juiz de Fora. Seus apoiadores o carregavam nos ombros, quando um homem se aproximou e cometeu o ato. O até então candidato foi socorrido e levado à Santa Casa da Misericórdia da Cidade, ele apresentava lesões nos intestinos grosso e delgado e passou por uma cirurgia.³⁷ No dia 09 de setembro, três dias após o ocorrido, o PSL e o filho do presidente, o deputado Flávio Bolsonaro, postaram um vídeo em suas redes sociais. A produção iniciava com uma blusa amarela igual ao que Bolsonaro usava durante o ataque, manchada de sangue e a legenda acompanhava a seguinte *hashtag* #estoucombolsonaro. Na imagem, a seguinte frase: “Meu partido é o Brasil” (Figura 8). O vídeo tinha o intuito de convidar seus apoiadores para um ato de suporte a ele. Após visitar o pai no hospital, Flávio admitiu que a imagem era uma montagem e a blusa verdadeira tinha sido descartada pelos médicos na hora da cirurgia.³⁸ O acontecimento reforçou ainda mais a ideia messiânica que Bolsonaro tentava criar ao seu redor, retornando a frase falada por ele em 2019 e abordada anteriormente “a bandeira do Brasil jamais será vermelha”, a menos que seja preciso “nosso sangue para mantê-la verde e amarela”, o ato do ataque da facada reforça a imagem criada de salvador da pátria e protetor da nação, afinal supostamente ele levou uma facada na tentativa de se eleger para proteger a pátria.

³⁷Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-intrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em: 26 out. 2022.

³⁸Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/09/09/campanha-de-bolsonaro-recria-camisa-com-sangue-e-deve-exibir-facada.htm>. Acesso em: 26 out. 2022.

Figura 8: Montagem de imagem que foi publicada em vídeo nas redes sociais do Partido PSL e do deputado estadual Flávio Bolsonaro



Fonte: UOL³⁹

Em março de 2019, foi postado nas redes sociais do presidente um vídeo do pastor congolês Steven Kunda em que ele confirma que Bolsonaro é um enviado por Deus escolhido para guiar o Brasil. Em suas palavras, ele afirma “Aceitando ou não, você, seja de esquerda ou de direita, o senhor Jair Bolsonaro é o Ciro do Brasil. Deus o escolheu para um novo tempo, para uma nova temporada no Brasil.” Ciro foi um rei persa escolhido por Deus para retirar o povo de Deus do exílio, de acordo com a Bíblia. No dia 26 de maio do mesmo ano, o ex-presidente compareceu a um culto na Igreja Batista Atitude na Barra da Tijuca e lá o pastor Josué Valandro cedeu o microfone a ele, que começou afirmando: “É bom estar no meio de gente que tem Deus no coração.” No final de seu discurso, ele faz a seguinte colocação: “Meus irmãos da Igreja Atitude, brasileiros de todos os rincões dessa nação maravilhosa, vamos juntos, tendo Deus no coração, colocar o Brasil no local de destaque que ele merece”. Percebe-se, então, que seus discursos fazem apelos à fé, à força da família e aos valores tradicionais cristãos.⁴⁰

Para o jornalista Fábio Py, em sua matéria de opinião no Jornal Carta Capital, o cristofascismo bolsonarista é promovido:

³⁹Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/09/09/campanha-de-bolsonaro-recria-camisa-com-sangue-e-deve-exibir-facada.htm>. Acesso em: 26 out. 2022.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaao/a-cristologia-cristofascista-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 26 out. 2022.

[...] por meio de uma teologia política que se pauta supostamente na democracia, mas que, ao mesmo tempo, baseia-se no ódio democrático e com clara disposição autoritária, na qual, uma das técnicas da sua governança é promover o terror no caldeirão de posturas de discriminação, ódio, preconceito, racismo ante aos setores “heterodoxos”. Nessa equação são utilizados discursos que aludem ao cristianismo numa investida contra seus inimigos: professores, militantes de esquerda, indígenas e LGBTQI.⁴¹

Portanto, é possível identificar que a concepção e edição de imagens no governo Bolsonaro contribuíram para afirmar e salientar seu discurso religioso. Em um governo baseado totalmente em questões cristãs e valores tradicionais, é importante ressaltar que as imagens editadas nesse contexto ajudaram a manter uma narrativa-figurativa de quem ele seria/é para o Brasil, ou seja, o enviado por Deus, aquele que vai acabar com a corrupção e manter os valores das famílias tradicionais.

⁴¹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/a-cristologia-cristofascista-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 26 out. 2022.

4. A Pandemia

Dezembro de 2019 - 3 meses antes da pandemia

Segundo o virologista Michael Worobey, do Departamento de Ecologia e Biologia Evolutiva da Universidade do Arizona, nos Estados Unidos, o primeiro caso de coronavírus registrado na cidade de Wuhan, na China, teria sido de uma vendedora que trabalhava no mercado de animais. A partir de várias fontes como notícias de jornais e informações dos hospitais, o pesquisador criou uma linha do tempo dos primeiros casos da doença na cidade chinesa. E, para ele, esses dados confirmam que o Covid-19 teria origem animal.⁴²

Janeiro de 2020 - 2 meses antes da pandemia

Em 05 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde fez um comunicado em suas redes sociais sobre um surto de pneumonia de causa desconhecida na China. Na época, 44 casos tinham sido notificados, entre eles, 11 pacientes graves. No entanto, de acordo com a OMS, não havia evidência de transmissão significativa entre as pessoas. Essas informações sobre a nova doença foram recebidas em 31 de dezembro de 2019 e a instituição solicitou mais informações às entidades chinesas, como os riscos de contágio. Alguns dos sintomas relatados nesse primeiro momento foram febre, dificuldade para respirar e algumas lesões pulmonares.⁴³

Ainda em janeiro, no dia 09, é identificado o primeiro código genético do novo coronavírus.⁴⁴ No dia 30, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou em Genebra, na Suíça que, o surto do novo coronavírus constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional (ESPII). Na época, havia casos em 19 países com transmissão entre pessoas na China, Japão, Alemanha, Vietnã e Estados Unidos. Segundo o diretor-geral Ghebreyesus: “o principal motivo dessa declaração não diz respeito ao que está acontecendo na China, mas o que está acontecendo em outros países. Nossa maior

⁴²Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/11/19/primeiro-caso-de-covid-19-foi-de-vendedora-de-mercado-de-animais-em-wuhan.ghtml>. Acesso em: 08 nov. 2022.

⁴³Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/saude/audio/2022-01/em-2020-oms-alertava-para-surto-de-pneumonia-de-causa-desconhecida>. Acesso em: 08 nov. 2022.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 08 nov. 2022.

preocupação é o potencial do vírus para se espalhar por países com sistemas de saúde mais fracos e mal preparados para lidar com ele”.⁴⁵

Fevereiro de 2020 - 1 mês antes da pandemia

No dia 09 de fevereiro, 34 brasileiros que foram repatriados da China devido ao surto de coronavírus desembarcaram na Base Aérea de Anápolis, em Goiás. Entre o grupo, havia brasileiros e seus cônjuges chineses que saíram do epicentro do vírus, Wuhan. Eles ficaram em quarentena por 18 dias e, de acordo com o Ministério da Saúde, todos os passageiros estavam bem de saúde e assintomáticos.⁴⁶

No dia 24 de fevereiro, o Ministério da Saúde ampliou o número de países em alerta para investigar os casos de suspeita de infecção do novo coronavírus. A lista que incluía até o dia 21, os seguintes países: Japão, Singapura, Coreia do Sul, Coreia do Norte, Tailândia, Vietnã, Camboja e China passou a incluir também Austrália, Filipinas, Malásia, Itália, Alemanha, França, Irã e Emirados Árabes. Nesse mesmo dia, a Itália registrou a sétima morte devido ao vírus e já tinham mais de 220 casos positivos, por isso o país adotou medidas de quarentena na região da Lombardia, norte do país. Até então, o Brasil não tinha registrado nenhum caso positivo, porém quatro casos estavam sendo investigados, três em São Paulo e um no Rio de Janeiro, outras 53 suspeitas já haviam sido descartadas.⁴⁷

No dia 26 desse mesmo mês foi registrado o primeiro caso de infecção pelo coronavírus no Brasil. O paciente era um homem de 61 anos que havia viajado à Itália a trabalho e retornou a São Paulo, ele deu entrada no hospital no dia anterior (25).⁴⁸ No dia 29, foi confirmado o segundo caso também no estado paulista. Segundo o Ministério da Saúde, o paciente era um homem de 32 anos que tinha voltado de Milão, no dia 27 - a Itália, naquele momento, era o maior país com número de casos fora da Ásia.⁴⁹

⁴⁵Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>. Acesso em: 08 nov. 2022.

⁴⁶Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/02/09/aviao-com-repatriados-da-china-pousa-na-base-aerea-de-anapolis.ghtml>. Acesso em: 08 nov. 2022.

⁴⁷Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/02/brasil-amplia-alerta-por-suspeita-de-novo-coronavirus-para-16-paises.shtml>. Acesso em: 08 nov. 2022.

⁴⁸Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 08 nov. 2022.

⁴⁹Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/29/segundo-caso-de-coronavirus-no-brasil-e-confirmado-em-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 08 nov. 2022.

Março de 2020 - Mês em que a pandemia foi declarada

No dia 03, o Ministério da Saúde ampliou para 27 o número de países que passaram a ser monitorados devido a transmissões locais do vírus. O intuito era enquadrar as pessoas que estiveram nesses países nos últimos 14 dias e apresentaram os seguintes sintomas: febre e tosse ou falta de ar, como casos suspeitos.⁵⁰

Ainda no dia 03, o subsecretário de Vigilância em Saúde, Wanderson de Oliveira, declarou que o Brasil registrava 488 casos suspeitos e que 240 casos foram descartados até aquele momento.⁵¹ No dia 10 de março, o ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, viajou até Miami, nos Estados Unidos - região considerada de alto risco para contaminação do novo coronavírus - e, declarou para a comunidade brasileira do local que "Obviamente temos no momento uma crise, uma pequena crise. No meu entender, muito mais fantasia, a questão do coronavírus, que não é isso tudo que a grande mídia [veículos de imprensa] propala ou propaga pelo mundo todo".⁵²

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou a pandemia do Covid-19, doença causada pelo coronavírus. De acordo com a instituição, o número de pacientes infectados, de mortes e de países atingidos deveria aumentar com o passar dos dias e, que apesar da declaração, ela não mudaria as orientações e que os governos deveriam manter o foco para conter a disseminação da doença.

Quatro dias depois, o ex-presidente brasileiro voltou dos Estados Unidos, convocou e participou de manifestações com seus apoiadores com grande aglomeração e sem uso de máscara, mantendo o contato físico com as pessoas e desrespeitando as recomendações da quarentena estipuladas pela OMS. Estima-se que 23 pessoas da sua comitiva foram infectadas.⁵³

⁵⁰Disponível em: <https://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/Coronav%C3%ADrus%20Brasil%20amplia%20para%2027%20o%20n%C3%BAmero%20de%20pa%C3%ADses%20monitorados.html>. Acesso em: 08 nov. 2022.

⁵¹Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/ao-vivo-ministerio-da-saude-atualiza-dados-do-novo-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 08 nov. 2022.

⁵²Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/bolsonaro-e-o-coronavirus-pequena-crise-provocada-por-fantasia-dos-media-11909710.html>. Acesso em: 23 nov. 2022.

⁵³Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/veja-quem-sao-os-23-infectados-da-comitiva-de-bolsonaro-em-visita-aos-eua.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2022.

Tendo em vista o cenário de crise sanitária em todo o mundo, o presente capítulo visa mostrar, por meio de dados e discursos falados durante a pandemia do Covid-19, como a postura do ex-presidente Jair Bolsonaro incentivou o descumprimento das orientações da Organização Mundial da Saúde e dos cientistas e médicos que estudavam a doença. Além disso, também vai mostrar que a postura do mesmo, com o compartilhamento de inverdades acerca do vírus, encorajou os seus apoiadores a fazerem aglomerações, ao não uso da máscara e ao descrédito da gravidade da situação, o que permitiu que aumentasse a polarização política, já bastante evidente em seu governo e, acarretou em uma realidade em que parte da população ficou mais preocupada com a economia do que com o número de mortes que subia diariamente.

4.1. O medo, o poder e a relação dos governos conservadores com a pandemia do coronavírus

Desde o começo da pandemia, o ex-presidente Jair Bolsonaro afirmou diversas vezes que o país não poderia parar por causa de uma gripezinha, além dele, Donald Trump, seu aliado nos Estados Unidos também deu várias entrevistas em que afirmava que o Covid-19 não era tão importante e letal assim. Desse modo, pode-se perceber a falta de tato e de propostas para lidar com esse assunto de forma responsável.

A característica que mostra que, normalmente, os governos conservadores disseminam o medo para que eles mesmos possam garantir o exercício do poder é afirmada nessa conjuntura. Temos como exemplo, a eleição do Trump em 2016, em que ele compartilhou o medo dos imigrantes e o porquê: eles tomariam os empregos, eles cometeriam crimes e eles poderiam ser terroristas que entrariam em seu país. E se colocou como o salvador, se ele fosse eleito, nada disso aconteceria.

Aqui no Brasil, com o Bolsonaro, as características são as mesmas, ele surgiu com discursos conservadores em um momento de maior visibilidade para questões das minorias, como os LGBT's. Com a disseminação das fake news sobre mamadeiras de piroca e kit gays, ele conseguiu engajar o medo em uma sociedade que é, majoritariamente, mal informada. Assim como Trump, ele se coloca como o salvador após difundir o medo, isto é, se ele ganhasse as eleições, as criancinhas seriam poupadas e os pais não precisariam mais ter medo da esquerda.

A sociedade, de um modo geral, possui uma relação abrangente com o medo e o poder, isto é, ela é acostumada a sentir medo, a relação das igrejas com seus seguidores

exemplifica bem essa ideia, uma vez que Deus é visto como temível e, ao mesmo tempo, como capaz de perdoar. Então, esse poder pastoral cria o medo de Deus e do inferno e a igreja se torna o poder que disseminou o medo e aquele que se propõe como salvador, isto é, ao mesmo tempo em que a igreja torna Deus e o inferno temíveis, ela se coloca como a instituição que pode salvar as pessoas desse medo, é por meio dela que as pessoas podem ser perdoadas e irem para o céu.

No entanto, essa característica se inverte durante a pandemia, os conservadores se mostram como as pessoas que não tem medo, eles não possuem medo do coronavírus, por isso, fazer o distanciamento social não é necessário, ser obrigado a andar de máscara na rua é errado, porque as pessoas tem que ter a liberdade de escolher, de poder ir para shoppings, praias, barzinhos, etc. A esquerda, portanto, começa a ser vista e tratada como medrosa, fraca. Assim, qualquer instituição que se coloca como a informante do risco passa a ser negada, pois o risco também o é. Isso acontece com a mídia que informa o número de casos e mortes, com os médicos e cientistas que pedem para as pessoas ficarem em casa, etc.

Além disso, para os políticos conservadores, acabar com a política do medo não é o ideal, o importante para eles, é que esse tipo de medo - o medo que eles não podem controlar - não seja disseminado. Ou seja, qualquer outro tipo de medo que eles consigam promover que possa ajudar seus ideais podem continuar sendo compartilhados. O medo do crime, o medo dos imigrantes, o medo do kit gay, mas não o medo do coronavírus. A fala do presidente Jair Bolsonaro exemplifica essa ideia da direita como corajosa em relação ao coronavírus:

Tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio. Lamento os mortos, lamento. Todos nós vamos morrer um dia, aqui todo mundo vai morrer. Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas. Olha que prato cheio para imprensa. Prato cheio para a urubuzada que está ali atrás. Temos que enfrentar de peito aberto, lutar.⁵⁴

A direita passa a ser vista como corajosa, como aquela que quer aproveitar a vida, enquanto a esquerda se encolhe com medo. A direita não tem medo do vírus, por outro lado, ela teme a esquerda imoral. Então, eles ainda difundem o medo, mas não o que prejudica os ideais deles, mas os que os favorecem. Outra fala de Jair Bolsonaro que demonstra essa ideia de coragem na pandemia ocorreu no dia 29 de março de 2020 em um passeio por Brasília: "O vírus tá aí. Vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, não como um moleque.

⁵⁴Disponível

<https://www.estadao.com.br/saude/tem-que-deixar-de-ser-um-pais-de-maricas-diz-bolsonaro-sobre-covid-19/>
Acesso em: 04 dez. 2022.

Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia".⁵⁵ Já no dia 18 de abril do mesmo ano, ele defendeu o retorno do Brasil à normalidade, com a reabertura do comércio e críticas aos governadores que estavam seguindo as medidas de isolamento social. Segundo ele, a população “Não tem que se acovardar com esse vírus na frente”, essa fala foi realizada em live que aconteceu em frente ao Palácio do Planalto e foi transmitida em sua página do Facebook.⁵⁶

Essa narrativa é possível, porque o bom medo para os grupos conservadores é aquele que permite que eles acusem quem eles já querem acusar. É uma forma de temível que eles podem lidar, que podem fazer algo em relação àquilo, como chamar os protestantes do antifascismo de violentos e terroristas. Com o coronavírus isso não é possível, posto que eles não têm controle sobre a circulação do vírus, então não é favorável para eles disseminar esse medo, afinal eles não podem se colocar como os salvadores nessa ocasião. Donald Trump utilizou da mesma estratégia bolsonarista ao afirmar que o coronavírus era só mais uma gripe comum durante sua campanha em 2020. “Não tenham medo da Covid-19. Não a deixem dominar sua vida.”, afirmou em vídeo gravado enquanto estava internado no hospital.⁵⁷ Além disso, o medo tem a ver com a antecipação do futuro, isto é, algo que está longe, mas que se aproxima a cada dia: o coronavírus está lá, mas está chegando perto, o medo do kit gay está chegando perto porque Haddad pode ganhar as eleições, o medo se difunde nessas possíveis situações futuras.

O poder é aquele que propõe o medo ao mesmo tempo que se coloca contra ele. No exemplo abaixo, Jair Bolsonaro chama os manifestantes que estavam protestando contra o seu governo de “marginais” e “terroristas” e cita o Chile como o modelo a não ser seguido, assim ele cria um medo infundado. E no fim, ele se coloca como o salvador, como aquele que vai resolver a situação caso as manifestações antifascistas continuem.

Não podemos deixar que o Brasil se transforme no que foi há pouco tempo o Chile. Não podemos admitir isso daí. Isso não é democracia nem liberdade de expressão. Isso, no meu entender, é terrorismo. A gente espera que este movimento não cresça, porque o que a gente menos quer é entrar em confronto com quem quer que seja.⁵⁸

⁵⁵Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/politica/da-gripezinha-ao-e-dai-as-falas-de-bolsonaro-em-cada-fase-da-pandemia-0520>. Acesso em: 23 nov. 2022.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/brasil/bolsonaro-nao-tem-que-se-acovardar-com-esse-virus-0420>. Acesso em: 23 nov. 2022.

⁵⁷Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-06/trump-se-entrega-ao-negacionismo-da-covid-19-na-reta-final-da-campanha.html>. Acesso em: 04 dez. 2022.

⁵⁸Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-chama-manifestantes-antifascistas-de-marginais-e-terroristas/>. Acesso em: 04 dez. 2022.

Conclui-se, portanto, que a ideia de poder e medo em relação aos governos conservadores passou a ser ambígua devido à conjuntura do coronavírus, isto é, ao mesmo tempo que eles apoiam o compartilhamento do medo, em alguns casos, com o uso das fake news, eles negam o medo que eles não conseguem resolver. O coronavírus surgiu como um parâmetro negativo para esses governos que antes difundiam o medo e se propunham como salvadores da pátria. Na realidade pandêmica, os grupos conservadores se vêem sem saber o que fazer acerca de um medo que não foi criado por eles e se colocam e colocam seus eleitores como corajosos que podem resolver tudo sozinhos se não tiverem medo.

4.2. As consequências das fake news na pandemia do Covid-19

A pandemia teve início na era da pós-verdade no Brasil, por isso, a estratégia de disseminar o medo a partir de teorias da conspiração que não se relacionam com a verdade se manteve em meio a crise sanitária mundial. Essa narrativa deu espaço para a campanha política de Jair Bolsonaro em 2018, o elegeu e foi extremamente danoso para a população durante esse momento tão delicado.

Essa realidade foi criada a partir de um intenso descrédito da imprensa e da ciência, em que tudo que era veiculado por qualquer uma das instituições e era contra os ideais bolsonaristas era alvo de injúrias e ataques constantes. Diversas informações falsas relacionadas ao Covid-19 eram compartilhadas, entre elas, falas sobre tratamentos miraculosos e sem comprovação científica, o discurso antivacina e teorias que apontavam a China como a grande culpada pelo vírus, afirmando que o país havia criado o coronavírus propositalmente, devido a um esquema internacional. Esses exemplos reafirmam que a estratégia de compartilhamento de fake news, teorias da conspiração e desinformação em massa continuavam sendo o foco do governo de Jair Bolsonaro.

Cabe ressaltar ainda que, a partir do momento em que a produção informativa saiu do âmbito ético e profissional jornalístico, devido, não somente, ao meio virtual e que qualquer pessoa poderia repassar informações sem embasamento factual, o número de mentiras disseminadas durante a pandemia do Covid-19 foi extremamente problemática para a realidade brasileira e foi apoiada, principalmente, pelo presidente da época e um dos maiores disseminadores de inverdades.

O *fact-checking* ou checagem de fatos, método de apuração jornalística que permite certificar a veracidade das informações, ganhou espaço em uma realidade, em que a proliferação de desinformação vinha crescendo, principalmente nas mídias sociais. Esse novo

formato de verificação de informações se fez necessário, devido ao contexto de “popularização do acesso à internet e a produção e compartilhamento de informações, seja por cidadãos comuns ou por integrantes da classe política” (SILVA, 2021, p. 56). Desde janeiro de 2019, com a posse de Jair Bolsonaro, o Aos Fatos, plataforma brasileira de checagem criada em 2015, faz um levantamento das “declarações feitas pelo presidente em discursos, redes sociais, entrevistas e aparições públicas” (SILVA, 2021, p. 57). A plataforma possui todas as informações verificadas e identificadas como falsas ou distorcidas em seu site. Os temas verificados por eles são 26: atentado, congresso, coronavírus, corrupção, cultura, defesa, direitos e assistência social, ditadura, economia, educação, eleições, equipe de governo, família Bolsonaro, forças armadas, ideologia, imprensa, indígenas e quilombolas, infraestrutura, justiça, meio ambiente, outros, preconceitos, relações internacionais, saúde, segurança e turismo (SILVA, 2021, p. 58). (Figura 8)

Figura 8: Captura de tela de gráfico feito pela Aos Fatos das declarações verificadas como falsas ou distorcidas de Jair Bolsonaro desde janeiro de 2019

Em 1.407 dias como presidente, Bolsonaro deu 6.673 declarações falsas ou distorcidas

Esta base agrega todas as declarações de Bolsonaro feitas a partir do dia de sua posse como presidente. As checagens são feitas pela equipe do Aos Fatos semanalmente.

Atualizado em 08 de Novembro, 2022



Fonte: Aos Fatos⁵⁹

⁵⁹Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>. Acesso em: 30 nov. 2022.

No dia 07 de maio de 2020, Bolsonaro ultrapassou a marca de 1000 declarações falsas ou distorcidas no seu mandato. Com a chegada do coronavírus, o tema fica presente em 35% de suas falas, incluindo as verdadeiras. De acordo com o Aos Fatos, até essa data, ele tinha feito 228 falas que foram classificadas como falsas ou imprecisas, o que mostra que a cada 10 manifestações dele sobre a doença, 7 estavam incorretas.⁶⁰ Com o passar do tempo, a pandemia e o Covid-19 começam a liderar os temas de desinformações disseminadas pelo presidente.

É importante ressaltar que Bolsonaro não era o único disseminador de fake news. Segundo uma pesquisa da BBC⁶¹, existiam sete tipos de pessoas que espalharam inverdades durante a pandemia: 1 - O piadista era aquele que criava narrativas humorísticas pensando que ninguém acreditaria nelas, porém as pessoas levavam a sério, o que causava ansiedade coletiva; 2 - O golpista, que se aproveitou da pandemia para aplicar golpes virtuais, como por exemplo, pedindo dados bancários para que a pessoa recebesse algum benefício do governo ou espalhando e-mails sobre uma possível cura para a doença; 3 - O político, que especula sobre diversas formas alternativas de tratamento para a cura do Covid-19 sem nenhum embasamento científico; 4 - O criador de teorias da conspiração, que se aproveitou do cenário delicado para instaurar medo, como aqueles que disseminavam que a vacina matava ou que o vírus teria sido criado pela China, a fim de beneficiá-la; 5 - O insider, que se coloca como uma possível fonte confiável, um médico, cientista ou pesquisador, que em áudios, difíceis de serem comprovados, fala de possíveis curas ou de situações negacionistas; 6 - O parente que, muitas vezes por preocupação, compartilha as inverdades, com o intuito de alertar algum familiar. Segundo Rêgo e Barbosa, no Brasil, essas pessoas teriam sido as grandes divulgadoras de fake news em grupos de whatsapp em 2018 (2020, p.30); 7 - A celebridade que divulga a mentira em suas redes para milhares de pessoas que acreditam naquilo que leem. Inspirados pelo presidente, os apoiadores de Bolsonaro foram grandes disseminadores de fake news durante a pandemia, o que contribuiu tanto para instaurar o caos quanto para deslegitimar a gravidade da situação pandêmica.

4.3. A deslegitimação das instituições democráticas

⁶⁰Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaro-chega-1000-declaracoes-falsas-ou-distorcidas-com-492-dias-de-mandato/>. Acesso em: 30 nov. 2022.

⁶¹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52584548>. Acesso em: 21 nov. 2022.

A disseminação de notícias falsas e o descrédito das instituições democráticas têm início antes mesmo da pandemia. Isso aconteceu, porque as pessoas começaram a acreditar naquilo que se encaixava melhor com a realidade que elas estavam inseridas e com as suas próprias opiniões. Dessa forma, o trabalho de jornalistas, cientistas, médicos e pesquisadores passa a ser desacreditado, visto como um “desserviço à sociedade” (MENDES, 2022, p. 17).

O crescente percentual de pessoas que consomem notícias por redes sociais teve um grande impacto nessa realidade. Segundo pesquisa realizada pela Câmara dos Deputados e pelo Senado em 2019, o Whatsapp era a principal fonte de informação dos entrevistados: 79% disseram consumir notícias por meio dessa rede social. Além desta, outras redes sociais foram citadas: o Youtube, plataforma de vídeos, ficou em terceiro lugar, com 49% e o Facebook ficou em quarto lugar, com 44%. Em segundo lugar, ficaram as pessoas que se informavam por meio da televisão, dentre essas pessoas, o percentual foi maior entre os mais velhos.⁶²

Essa pesquisa demonstra a realidade do consumo de informações no país. Afinal, a internet tornou-se uma “terra sem lei”, em que as pessoas criam histórias falsas, a fim de incentivar seus apoiadores, causar medo, irritar e enganar o público, com o intuito de legitimar seus ideais políticos. Quando a disseminação de notícias passa a ser veiculada nas redes sociais, as pessoas perdem a certeza daquilo que estão lendo, uma vez que essas plataformas não possuem uma forma de checar as informações que são compartilhadas. É nessa perspectiva que, grupos bolhas começam a existir, ou seja, o contato e o compartilhamento de notícias falsas é entre, principalmente, pessoas que possuem opiniões semelhantes. Isso é possível, devido aos algoritmos dessas próprias redes sociais que entregam o conteúdo de acordo com o comportamento do usuário na internet, assim essa bolha permite que o indivíduo se identifique e intensifique suas opiniões, pois ganha uma confirmação dessas outras pessoas (MENDES, 2022. p.25). É nesse contexto que as instituições democráticas começam a ser desacreditadas. O jornalismo e a ciência passaram a sofrer ataques e descréditos por não falarem aquilo que esses grupos queriam escutar, eles não eram levados em consideração.

Além das diversas fake news disseminadas por Jair Bolsonaro durante o período da pandemia, alguns de seus discursos também instigaram seus seguidores aos ataques a jornalistas. No dia 22 de março de 2022, em entrevista por teleconferência concedida ao Domingo Espetacular, programa da TV Record, Bolsonaro voltou a chamar o Covid-19 de

⁶²Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/whatsapp-e-principal-fonte-de-informacao-do-brasileiro-diz-pesquisa>. Acesso em: 06 dez. 2022.

gripe e criticou os governadores e a imprensa. Segundo ele, “Brevemente, o povo saberá que foi enganado por esses governadores e por grande parte da mídia nessa questão do coronavírus”.⁶³ Isso demonstra seu constante descrédito às instituições democráticas que, tentavam alertar a população para os cuidados essenciais no momento de crise sanitária.

Segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), no primeiro semestre de 2020, Jair Bolsonaro fez 245 alegações que atacaram jornalistas, das quais 211 foram caracterizadas como descredibilização da imprensa, 32 ataques a jornalistas e 2 ataques contra a própria FENAJ. O monitoramento feito pela Instituição contempla as declarações públicas feitas pelo ex-presidente em suas lives publicadas no Youtube e em sua conta do Twitter, em vídeos de entrevistas em frente ao Palácio da Alvorada e em discursos disponibilizados no portal do Planalto.⁶⁴

É nessa narrativa que surge o termo “Desinfodemia” cunhado pela Unesco e que se conceitua como um estudo sobre a desinformação sobre o Covid-19. O estudo foi feito por Julia Posetti, diretora de pesquisa do ICFJ e pesquisadora sênior do Instituto de Liberdade de Mídia da Universidade de Sheffield (CFOM) e Universidade de Oxford e pela também pesquisadora do ICJF e do Instituto de Liberdade de Mídia da Universidade de Sheffield, Kalina Bontcheva. Logo na introdução do documento final, as pesquisadoras deixam claro que a veiculação de conteúdos falsos acerca da pandemia podem ter sérios impactos sobre a sociedade, impactos esses que podem ser fatais (RÊGO; BARBOSA, 2020, p. 30). Para as pesquisadoras:

Ao contaminar o entendimento público dos diversos aspectos da pandemia e de seus efeitos, a desinformação sobre a COVID-19 se utiliza de uma ampla gama de formatos. Muitos foram aperfeiçoados no contexto de campanhas anti vacinação e desinformação política. Frequentemente, eles "contrabandeiam" as inverdades na consciência das pessoas, concentrando-se em suas crenças em vez da razão, e em seus sentimentos em vez da dedução. Eles baseiam-se em preconceitos, polarização e identidades políticas, assim como na credulidade, no cinismo e na busca individual por um sentido simplificado em face a tantas complexidades e mudanças. (POSETTI; BOTCHEVA, 2020, p.5)

Entende-se que os fabricantes de desinformação acerca da pandemia colocam seu foco nas crenças e emoções de determinados grupos e não na razão e nos fatos. Assim, eles alimentam ainda mais a polarização política e ativam os preconceitos, uma vez que induzem e

⁶³Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-volta-a-atacar-governadores-povo-sabera-que-foi-enganado/>. Acesso em: 06 dez. 2022.

⁶⁴Disponível em: <https://fenaj.org.br/presidente-bolsonaro-promove-245-ataques-contra-o-jornalismo-no-primeiro-semester/>. Acesso em: 08 dez. 2022.

manipulam os indivíduos que possuem valores parecidos com os disseminados pelas fake news a partilhar suas opiniões que há muito estavam silenciadas (RÊGO; BARBOSA, 2020, p. 31). Além disso, é válido ressaltar que, em meio a uma crise sanitária mundial, as pessoas estavam bem nervosas, então tudo aquilo que era veiculado acerca do tema, podia ser consumido e creditado por essas pessoas, ou seja, esse momento pandêmico foi propício para que as inverdades fossem compartilhadas ainda mais, porque a população estava em pânico e sendo movida, primordialmente, pela emoção.

As pesquisadoras da desinformação identificaram os nove temas essenciais presentes nos conteúdos de desinformação relacionados ao Covid-19: 1 - Origem e propagação do coronavírus: criação de teorias da conspiração que culpam a China pelo vírus, chamando-o muitas vezes de “vírus chinês”; 2 - Estatísticas falsas e equivocadas: são relacionadas aos informes de incidência da doença e a taxa de mortalidade; 3 - Impactos econômicos: narrativas que afirmam que o isolamento social não se justifica economicamente; 4 - Desacreditar jornalistas e veículos de notícias fidedignos: ataques a jornalistas e a imprensa, muitas vezes, dizendo que os veículos de imprensa estão lucrando com aquilo que eles acreditam ser desinformação ; 5 - Ciência médica: sintomas, diagnóstico e tratamento: aqui eles falam sobre tratamentos miraculosos que não possuem comprovação científica ou fazem memes alegando que fazer gargarejo com água quente ou salgada vai impedir que a infecção chegue aos pulmões; 6 - Impactos na sociedade e no meio ambiente: aqui eles estimulam compras induzidas pelo pânico, como o caso do papel higiênico, e sobre informações falsas acerca do lockdown; 7 - Politização: informações sólidas e estruturadas sobre um único viés e sem consideração factual, como igualar o coronavírus à gripe e fazer alegações infundadas sobre a provável duração da pandemia; 8 - Conteúdo impulsionado para ganho financeiro fraudulento: fraudes para roubo de dados pessoais; 9 - Desinformação cujo o foco são as celebridades: notícias falsas sobre atores ou atrizes diagnosticados com o Covid-19. (POSETTI; BOTCHEVA, 2020, p.6).

É importante ressaltar que esses temas, na maioria das vezes, passam por um viés preconceituoso e xenofóbico que estimula a ideia de polarização abordada anteriormente entre o “nós” e o “eles”. Isso se dá, porque esses indivíduos finalmente encontraram um grupo bolha, em que suas opiniões que antes eram silenciadas passam a ser creditadas e veneradas por pessoas que possuem os mesmos valores disfarçados de intolerância. O “eu” tem relação com aqueles que se sentem corajosos em relação ao vírus, já o “eles”, nesse caso, são aqueles que acreditam nas instituições democráticas e apoiam as estipulações para conter o vírus e para se prevenir.

Torna-se evidente que os temas de desinformação durante a pandemia citados anteriormente relacionam-se. Isto é, quando abordados, diversas vezes eles aparecem juntos, como o caso da politização que se dá em discursos que atacam às instituições democráticas e a ciência médica. Durante a pandemia, Jair Bolsonaro disseminou esses conteúdos em demasia e estimulou seu grupo bolha a fazer o mesmo, um exemplo é a propagação de um tratamento precoce - sem comprovação científica da sua eficácia - que, segundo ele, impediria a infecção do vírus. Como consequência da sua postura durante esse momento de crise sanitária, podemos citar as três trocas de ministros da saúde nesse cenário tão delicado. Bolsonaro foi um dos maiores disseminadores de fake news sobre o Covid-19, o que acarretou em uma realidade ainda mais séria na transmissão do vírus.

4.4. O Ministério da Saúde e o Kit Covid

Uma das inverdades que mais marcou a pandemia foi a do Kit Covid que, defendia o tratamento precoce do coronavírus, ele incluía os seguintes medicamentos: hidroxicloroquina, ivermectina, nitazoxanida, azitromicina e corticosteroides sistêmicos. Apesar de o kit ter sido reprovado pela comunidade científica, o uso da hidroxicloroquina e da ivermectina foi adotado em alta escala, devido, principalmente, ao apoio dos presidentes da época nos Estados Unidos, Donald Trump, e no Brasil, Jair Bolsonaro.⁶⁵ Segundo verificação da CPI da Covid, a ideia do tratamento precoce surgiu logo no início da pandemia:

Posto isso, cabe esclarecer que a ideia de tratamento precoce surgiu logo nos primeiros momentos da covid-19. Em março de 2020, o canal americano de notícias Fox News entrevistou, por duas vezes, Gregory Rigano, advogado que, em parceria com James Todaro, médico, escreveu – sem revisão científica – um artigo a respeito de como a cloroquina e a hidroxicloroquina seriam capazes de tratar a covid-19. Rigano afirmou que se baseava em artigo científico do pesquisador Didier Raoult, que seria “o mais importante especialista em doenças infecciosas do mundo”. Ademais, de forma categórica, declarou que “nós sabemos como curar a doença, usando hidroxicloroquina em combinação com o antibiótico azitromicina, com uma taxa de cem por cento de cura contra o coronavírus” (SENADO FEDERAL, 2021, p. 54-55).

A popularização desses medicamentos aconteceu quando dois estudos ganharam espaço na imprensa americana e foram amplamente divulgados nas publicações feitas por Trump em seu Twitter. Mais tarde, o pesquisador Didier Raoult foi denunciado pela Sociedade de Patologia Infecciosa de Língua Francesa (SPILF), devido à promoção indevida

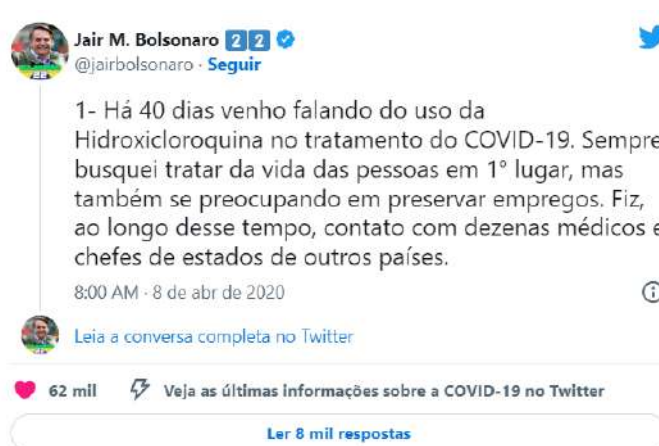
⁶⁵Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/tratamento-precoce-e-kit-covid-a-lamentavel-historia-do-combate-a-pandemia-no-brasil/>. Acesso em: 23 nov. 2022.

do medicamento. Ainda assim, ele continuou defendendo o uso do fármaco em alguns casos. O segundo “estudo” a ganhar destaque foi um arquivo do Google Docs que ganhou atenção depois que o seu autor, o advogado Gregory Rigano, ter dito na emissora Fox News que a hidroxicloroquina era capaz “de eliminar o vírus completamente”. Logo depois, em maio de 2020, os países europeus começaram a suspender o uso do medicamento dos protocolos de tratamento ao coronavírus.⁶⁶

No dia seguinte à entrevista dada pelo advogado, o ex-presidente norte-americano afirmou em uma conferência que ele havia ordenado ao *Federal Drugs Administration* (FDA), agência americana regulatória de medicamentos, que acelerasse a aprovação do uso da cloroquina e da hidroxicloroquina. A princípio, a FDA aprovou o uso emergencial dos fármacos, mas três meses depois, cancelou. Logo depois da declaração de Trump, ainda em março de 2020, Jair Bolsonaro começou a defender o uso da cloroquina, que era uma versão mais tóxica do que a hidroxicloroquina, em suas redes sociais.

Alguns dias depois, no dia 8 de abril de 2020, Bolsonaro fez uma série de publicações na sua conta do Twitter, a fim de defender os fármacos do kit Covid. Ele afirmou que vinha falando do medicamento há 40 dias e que cada dia mais, o tratamento se mostrava eficaz. (Figura 10)

Figura 10: Captura de tela de *tweet* feito por Jair Bolsonaro em sua conta na rede social Twitter



Fonte: Portal R7⁶⁷

⁶⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57166743>. Acesso em: 08 dez. 2022.

⁶⁷ Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/bolsonaro-reforca-a-eficacia-da-cloroquina-e-alfineta-governo-doria-29062022>. Acesso em: 23 nov. 2022.

Ao contrário dos países europeus, no Brasil, os fármacos que não tinham comprovação científica da eficácia no tratamento do coronavírus continuaram a ser divulgados. No relatório da CPI da Covid, alguns dos temas pesquisados foram vacinação, uso de máscaras, distanciamento social, kit Covid e tratamento precoce.⁶⁸ A maioria das acusações na CPI tem relação com incitação ao crime, como é o caso das pessoas que disseminaram fake news e defenderam o tratamento precoce e de outras medidas sanitárias sem comprovação científica, o que causou mortes.⁶⁹ A insistência na divulgação de tratamento comprovadamente ineficaz e a defesa do kit Covid é um dos temas de fake news mais recorrentes durante a pandemia. (MENDES, 2022, p. 60).

Essa defesa inexorável pelo uso dos medicamentos foi um dos motivos das constantes trocas de ministros da saúde durante o governo bolsonarista. Luiz Henrique Mandetta foi o primeiro Ministro, ele assumiu no dia 1º de janeiro de 2019 e ficou até 16 de abril de 2020. Ele defendeu as medidas de isolamento social e recomendou que a população seguisse as orientações da Organização Mundial da Saúde.⁷⁰ Com grande domínio ao liderar o combate ao coronavírus, a sua popularidade, em certo momento, foi maior do que a do próprio presidente, segundo pesquisas da DataFolha. Além disso, o apoio de Bolsonaro ao uso dos fármacos do kit Covid foi motivo de discordância entre os dois.⁷¹ Mais tarde, em setembro de 2020, Mandetta escreveu em livro publicado que,

Ele (Bolsonaro) queria no seu entorno pessoas que dissessem aquilo que ele queria escutar. [...] Nunca na cabeça dele houve a preocupação de propor a cloroquina como um caminho de saúde. A preocupação dele era sempre 'vamos dar esse remédio porque com essa caixinha de cloroquina na mão os trabalhadores voltarão à ativa, voltarão a produzir'. (...) O projeto dele para combate à pandemia é dizer que o governo tem o remédio e quem tomar o remédio vai ficar bem. Só vai morrer quem ia morrer de qualquer maneira.⁷²

Nelson Teich assumiu o Ministério da Saúde em 16 de abril de 2020 e ficou por pouco menos que um mês, até o dia 15 de maio de 2020. Assim como Mandetta, ele apoiava o isolamento social e chegou a sugerir lockdown para as cidades com maior taxa de contaminação. Ele vinha sendo cobrado pelo ex-presidente a mudar o protocolo do Ministério

⁶⁸ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/leia-a-integra-do-relatorio-final-da-cpi-da-pandemia/>. Acesso em: 08 dez. 2022.

⁶⁹ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-21/os-principais-culpados-pelas-mais-de-600000-mortes-da-covid-19-no-brasil-segundo-a-cpi-da-pandemia.html>. Acesso em: 08 dez. 2022.

⁷⁰ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuella-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm>. Acesso em: 08 dez. 2022.

⁷¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/aprovacao-do-ministerio-da-saude-dispara-e-e-mais-do-que-o-dobro-da-de-bolsonaro-diz-datafolha.shtml>. Acesso em: 08 dez. 2022.

⁷² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57166743>. Acesso em: 08 dez. 2022.

da Saúde para o tratamento do vírus. Ademais, ele estava seguindo as recomendações da OMS e estava isolado quando o governo federal decretou que academias e salões de beleza eram atividades consideradas essenciais.⁷³ Teich ao deixar o cargo declarou que não queria “manchar a minha história por causa da cloroquina”.

Os dois ministros anteriores eram médicos, já o terceiro a assumir o cargo foi Eduardo Pazuello, general da Ativa do Exército, ele entrou no dia 15 de maio de 2020 e ficou até 15 de março de 2021. Foi em sua gestão que Bolsonaro conseguiu que o Ministério da Saúde lançasse o protocolo de tratamento do Sars-Cov-2 que recomendava o uso da cloroquina. Ele sofreu diversas críticas por acatar tudo que o presidente queria e pelo atraso na negociação das vacinas. Posteriormente, Pazuello começou a ser investigado pelo STF pela suposta omissão na crise sanitária que acometia o Amazonas, em que pacientes morreram asfixiados por falta de cilindros de oxigênio medicinal. Devido ao alto índice de mortes no país e a lentidão da vacinação, a relação do presidente e do ministro passou a sofrer diversas críticas dos aliados do governo. Dessa forma, Pazuello deixou o cargo, dez meses após assumi-lo.⁷⁴

O último ministro a assumir foi Marcelo Queiroga que, assim como os dois primeiros ministros, também era médico. Ao contrário de Pazuello, Queiroga apoiava o isolamento social como forma de combate à pandemia e era contra o tratamento precoce defendido por Bolsonaro. Sua gestão durou até 31 de dezembro de 2022.

Em maio de 2020, Bolsonaro tornou o uso do medicamento uma causa ideológica, quando afirmou que “Quem for de direita toma cloroquina, quem for de esquerda toma Tubaína”. No dia 7 de julho de 2021, o ex-presidente declarou que: “Estou muito bem e credito isso não só ao atendimento dos médicos, mas pela forma como ministraram a hidroxicloroquina, que teve reação quase imediata. Poucas horas depois já estava me sentindo muito bem.” Ele tinha testado positivo para o coronavírus. Suas declarações a favor do medicamento aconteceram antes e depois do seu diagnóstico. Já em agosto, ele disse que era “a prova viva de que a cloroquina deu certo”.

Ademais, ele se deixou fotografar e ser filmado diversas vezes com embalagens de cloroquina, o que foi visto por muitos como uma campanha a favor do medicamento. Um dos maiores exemplos disso, foi quando o presidente mostrou a caixa de cloroquina às emas que habitam os jardins do Palácio da Alvorada.

⁷³Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuello-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm>. Acesso em: 08 dez. 2022.

⁷⁴Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuello-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm>. Acesso em: 08 dez. 2022.

Suas atitudes foram criticadas por muitos e consideradas como um ato de incentivo para que as pessoas usassem esses medicamentos, mesmo que eles não houvessem comprovação da eficácia no tratamento do coronavírus. Essas ações e discursos disseminados por ele podem ter acarretado em um maior número de pessoas infectadas, visto que além de incentivar o uso dos fármacos, ele também era contra as medidas de contenção do vírus estipuladas pela OMS e apoiava declaradamente a volta do Brasil à normalidade.

5. Economia x Pandemia

Para o autor Ivan Krastev, presidente para estratégias liberais na Bulgária: “Essa é a natureza mutável da calamidade COVID-19: um desastre sanitário que se transforma em um desastre econômico e torna as consequências políticas da crise incrivelmente difíceis de prever” (KRASTEVA, 2020, posição 201, tradução nossa⁷⁵). Ainda segundo o escritor, o paradoxo da crise é que os países que foram mais eficazes em conter o vírus foram aqueles que tiveram mais críticas da opinião pública pela decisão de lockdown (2020, posição 204).

Dessa forma, podemos perceber que a maior dificuldade na administração bolsonarista e trumpiana durante a crise sanitária, foi não querer que houvesse críticas da população ou pelo menos dos seus apoiadores, relacionadas às suas decisões acerca da economia diante da pandemia. Isto é, com governos, apoiados principalmente na ideia de ascensão econômica, eles não podiam deixar que os mercados parassem de funcionar, por isso criaram estratégias de deslegitimação do vírus e da sua gravidade.

Tendo em vista as informações abordadas anteriormente, podemos afirmar que março e abril foram os meses mais complicados em relação ao Covid-19, isso porque o controle dos países e das decisões ainda estava nas mãos dos presidentes - Trump e Bolsonaro. Dessa forma, por medo de perder o apoio político diante da retaliação da economia, os dois começaram a ter uma postura de deslegitimação do vírus e da gravidade da situação e seus apoiadores começaram a fazer o mesmo.

No final do mês de fevereiro, quando o vírus já era uma preocupação mundial, Bolsonaro e Trump se encontraram nos Estados Unidos em um resort. A aflição sobre o vírus só chegou até eles, quando o Covid afetou diretamente a economia. No caso de Donald Trump, ainda tinha a questão da sua eleição que seria no final daquele ano, seu medo era perder apoio político, devido ao baque que a economia sofreria.

O presidente havia passado um fim de semana agradável em seu resort na Flórida, divertindo-se com seu filho e a namorada e confraternizando com sua alma gêmea, o presidente Jair Bolsonaro. Em poucos dias, duas dúzias de pessoas no entourage de Bolsonaro testariam positivo. Porém, na segunda-feira, 9 de março, o que estava preocupando Trump não era o vírus, mas os mercados. O S&P 500 tinha sido sua história feliz. Agora estava em queda livre. Era preciso culpar as fake news. Como ele tuitou furiosamente: “Então, no ano passado 37 mil americanos morreram de gripe comum. A média fica entre 27 mil e 70 mil por ano. Nada para por causa disso, a vida e a

⁷⁵ No original: *This is the changing nature of the COVID-19 calamity: a health disaster that turns into an economic one makes the political consequences of the crisis incredibly difficult to predict.*

economia prosseguem. Neste momento, há 546 casos confirmados de coronavírus, com 22 mortes. Pensem nisso!”. (TOOZE, 2020, p. 86)

No Brasil, Bolsonaro deu alguns discursos, em que se referia ao Covid-19 como gripezinha. Além disso, a imunidade em rebanho foi uma ideia apoiada e disseminada pelos dois presidentes. Afinal, como abordado anteriormente, a preocupação deles estava relacionada a não paralisação para que os mercados não fossem afetados. Nesse sentido, eles precisavam criar ideias que mostrassem que o vírus não era tão letal assim, por isso aconteceu tantos ataques à imprensa, aos pesquisadores e médicos que mostravam o que realmente estava acontecendo.

É nessa perspectiva que surge a hashtag #FilmYourHospital no final de março de 2020 nas redes sociais, principalmente no twitter. O intuito era incentivar as pessoas a visitarem os hospitais, gravar vídeos e tirar fotos dos locais vazios para provar que o Covid-19 era apenas uma farsa. “Nos Estados Unidos, os maiores disseminadores da teoria, segundo os perfis públicos, eram aqueles que se denominavam como apoiadores de Trump” (GRUZD; MAI, 2020, p.3, tradução nossa)⁷⁶. Segundo os pesquisadores Anatoliy Gruzd e Philip Mai:

A premissa para essa teoria da conspiração se dá na suposição de que se os estacionamentos e as salas de espera dos hospitais estivessem vazias, então a pandemia poderia não ser real ou ao menos não tão severa quanto o que era relatado pelas autoridades de saúde e a mídia. Claro, havia uma explicação simples para o fato dos estacionamentos e das salas de espera dos hospitais estarem vazias.(GRUZD; MAI, 2020, p.1, tradução nossa)⁷⁷

Ainda segundo a pesquisa de Gruzd e Mai, a hashtag tornou-se uma campanha internacional e chegou ao Brasil sete dias depois do seu início, no dia 03 de abril. A maior parte do compartilhamento em conjunto era feito por comentaristas e ativistas conservadores brasileiros (GRUZD; MAI, 2020, p.7, tradução nossa). Além disso, a análise identificou que, embora a desinformação possa ser mais fácil de ser combatida pela verificação dos fatos, as teorias e/ou discursos falsos baseados em políticas são mais difíceis de serem combatidas, isso é possível, devido ao cenário de polarização vivenciada atualmente.

O caso da conspiração #FilmeSeuHospital, que surgiu de um único tweet, demonstra que embora a desinformação possa ser potencialmente mitigada pela verificação de fatos e pelo direcionamento das pessoas para fontes seguras de informação de agências de saúde pública (Tambuscio et al.,

⁷⁶ No original: “Based on the manual examination of public profiles, the majority of users who posted a tweet using this hashtag self-described themselves as Trump supporters and used words and hashtags such as #MAGA (Make America Great Again), #KAG (Keep America Great), and #trump2020”.

⁷⁷No original: “The premise for this conspiracy theory rests on the assumption that if hospital parking lots and waiting rooms are empty, then the pandemic must not be real or at least not as severe as reported by health authorities and the media. Of course, there is a simple explanation for why some hospital parking lots and waiting rooms might have been empty”.

2018; Vraga and Bode, 2017), as alegações falsas e enganosas que são motivadas pelas políticas são muito mais difíceis de erradicar (Recuero et al., 2019; Vargo et al., 2018). (GRUZD; MAI, 2020, p.8, tradução nossa)⁷⁸

Podemos perceber que, a onda de disseminação conjunta dessa fake news contribuiu para deslegitimar as autoridades de saúde e a gravidade da situação. O intuito era que as pessoas pensassem que a situação não era tão grave e que a população poderia voltar à normalidade, assim não haveria a retaliação econômica tão temida por eles. Naquele momento, porém, não havia o que ser feito para diminuir o baque que a economia sofreria, o que esses dois presidentes poderiam ter evitado (ou diminuído) era o número de contaminação e morte em massa. Afinal, como salientado pelos pesquisadores anteriormente, havia uma explicação bem simples para os hospitais estarem vazios: as pessoas não podiam se aglomerar.

“Gostaria que todos voltassem a trabalhar, mas quem decide não sou eu”, declarou Bolsonaro em uma transmissão ao vivo da deputada federal Bia Kicis que entrou no Palácio da Alvorada com cerca de 20 pessoas, no Dia do Trabalhador, 1º de maio de 2020.⁷⁹ Suas falas a favor da volta à normalidade e de descrédito a real situação brasileira aconteceram durante toda a pandemia.

Para ele, o problema maior não era o número de contaminados e o crescimento do número de mortes no país, mas sim a volta à normalidade. Diante desse cenário, podemos perceber que ele não estava preocupado em proteger todas as classes sociais brasileiras, a sua inquietação tinha relação com a perda de apoio que ele poderia ter, caso houvesse uma retaliação econômica.

A pandemia consegue mostrar os grandes problemas de desigualdade social vigente no Brasil e exemplifica como o projeto neoliberal abandona as classes mais vulneráveis em momentos de crise (FRANCO, 2022, p.41). Isso justifica-se na constante defesa de Jair Bolsonaro e seus apoiadores da volta a normalidade e do comércio de volta a ativa, mesmo que isso significasse a exposição ao vírus e possível contaminação pelo Covid-19. Por isso, ele incitou a ideia de que o vírus era menos preocupante do que ele realmente era,

⁷⁸ No original: *The case of the #FilmYourHospital conspiracy from a single tweet demonstrates that while the spread of misinformation can be potentially mitigated by fact-checking and directing people to credible sources of information from public health agencies (Tambuscio et al., 2018; Vraga and Bode, 2017), false and misleading claims that are driven by politics are much harder to root out (Recuero et al., 2019; Vargo et al., 2018).*

⁷⁹Disponível em: <https://istoe.com.br/bolsonaro-gostaria-que-todos-voltassem-a-trabalhar-mas-quem-decide-nao-sou-eu/>. Acesso em: 08 dez. 2022.

compartilhou inverdades e apoiou tratamentos miraculosos. Segundo o professor Túlio Batista Franco:

No cenário pandêmico e mesmo entre centenas de milhares de mortos pela Covid-19, os liberais sustentam a narrativa segundo a qual, era necessário salvar a economia, mesmo que isto custasse vidas. Contrapuseram este discurso, ao que propunha o isolamento social como uma das medidas de proteção contra a Covid-19, comprovadamente a mais eficaz e recomendada pela Organização Mundial de Saúde. É como se uma parte significativa das vidas, especialmente as que estão mais expostas à carência econômica, desemprego, insegurança alimentar, ou seja, as vidas precárias, fossem descartáveis. Esse abandono aos grupos e pessoas de pouca renda, ou, que não se inserem no modelo consumista da sociedade capitalista obedecem a uma razão neoliberal, que só valoriza as vidas dedicadas à produção de capital, corpos cujo valor é medido pelo que têm de acúmulo econômico. Ou seja, os de baixo “capital humano” são corpos matáveis, o que justifica a incúria com o adoecimento e morte de grande parte da população, a violência extrema contra comunidades periféricas, e outras ações regressivas em direitos sociais. (FRANCO, 2022. p. 41)

A página de checagem Aos Fatos mostra as falas mais repetidas por Bolsonaro durante o seu governo. Em terceiro lugar, está a que ele afirma que existem dois problemas no Brasil, o de saúde pública e o de economia. (Figura 9)

Figura 9: Captura de tela da terceira fala mais repetida por Bolsonaro até o dia 23 de setembro de 2022 na página do Aos Fatos

REPETIDA 115 VEZES

Em 2020: 10.set, 16.set, 22.set, 08.out, 11.out, 14.out, 19.out, 27.out, 11.nov, 16.nov, 17.nov, 27.nov, 15.dez, 24.dez. Em 2021: 14.jan, 15.jan, 27.jan, 28.jan, 03.fev, 04.fev, 05.fev, 08.fev, 11.fev, 12.fev, 19.fev, 20.fev, 22.fev, 23.fev, 26.fev, 03.mar, 04.mar, 10.mar, 18.mar, 22.mar, 23.mar, 25.mar, 31.mar, 01.abr, 05.abr, 07.abr, 15.abr, 23.abr, 26.abr, 20.mai, 23.mai, 01.jun, 02.jun, 10.jun, 12.jun, 18.jun, 25.jun, 26.jun, 28.jun, 19.jul, 20.jul, 21.jul, 29.jul, 30.jul, 31.jul, 06.ago, 12.ago, 17.ago, 23.ago, 25.ago, 26.ago, 28.ago, 30.ago, 02.set, 10.set, 21.set, 29.set, 30.set, 07.out, 14.out, 21.out, 26.out, 27.out, 07.nov, 11.nov, 25.nov, 02.dez, 07.dez, 09.dez, 17.dez, 27.dez. Em 2022: 02.fev, 28.fev, 07.mar, 12.mar, 08.abr, 11.abr, 12.abr, 16.abr, 28.abr, 05.mai, 12.mai, 13.mai, 17.mai, 01.jul, 24.jul, 02.ago, 05.ago, 03.set, 23.set.

“Eu sempre falei que você deve combater sim o vírus, mas também combater o desemprego em nosso país.”

De fato, Bolsonaro tem destacado desde o início da pandemia, em março de 2020, que haveria dois problemas para o Brasil, um de saúde pública e um econômico, e que os dois deveriam ser tratados simultaneamente. Em levantamento feito nas redes e nas falas do presidente, o Aos Fatos identificou o início de declarações do tipo no dia 15 de março de 2020, data de uma entrevista à CNN Brasil. O presidente, porém, nunca tratou as duas questões com o mesmo peso, já que, desde o início do surto de Covid-19 no Brasil, tem minimizado os efeitos da doença e criticado suas principais formas de prevenção. Em diversas entrevistas e declarações públicas, Bolsonaro relacionou a doença a uma “gripezinha” e chegou a dizer em discurso que o isolamento social seria “conversinha mole” e que as medidas de restrição de circulação seriam para “os fracos”. O presidente também ataca reiteradamente as vacinas, que afirma serem experimentais e não terem comprovação científica. Por todos esses motivos, sua declaração é falsa. **MENOS**

Fonte: Aos Fatos⁸⁰

⁸⁰ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>. Acesso em: 30 nov. 2022.

As inverdades tinham um propósito antes da pandemia, o de causar o medo da esquerda, com as fake news e teorias da conspiração que sempre colocavam esse lado político como o grande inimigo. Na pandemia, esse papel se inverte e, quem tem medo do coronavírus começa a ser vista como medrosa. Assim, grande parte dos conservadores passaram a negar a existência do vírus ou, ao menos, começaram a criar uma narrativa em que o Covid-19, para eles, não era tão grave quanto estava sendo veiculado pela mídia. Segundo Adam Tooze:

Um modo de reagir a tal situação de risco é se refugiar na negação. Isso pode funcionar. Seria ingênuo saber que não. Há muitas doenças difusas e enfermidades sociais, incluindo muitas que causam perda de vida em grande escala, que são ignoradas e naturalizadas, tratadas como “fatos da vida”. [...] Mesmo sendo urgentes, emergências médicas de vida ou morte, como as pandemias, são filtradas pela política e pelo poder. Defrontados com o coronavírus, alguns iriam preferir claramente uma estratégia de negação. Isso envolve uma aposta. Traz o risco de politização súbita, escandalosa. Os prós e contras eram pesados uma e outra vez. Com frequência os defensores da ideia de “resistir como machos” gostavam de se proclamar defensores do bom senso e do realismo, mas acabavam descobrindo que seu sangue frio era mais convincente na teoria do que na prática. (TOOZE, 2021, p.18)

Essa ideia de coragem em relação ao vírus também diz respeito a quem poderia morrer. Além das classes sociais mais baixas que deveriam voltar a ativa, também tinham aqueles que aceitariam morrer se as suas vidas tivessem um propósito, nesse caso o propósito seria salvar a economia e, conseqüentemente, salvar a nação. Nesse sentido, também podemos perceber um viés tradicional nessa ideia de “resistir como machos”, afinal eles eram homens conservadores e não tinham medo do vírus:

[...] Mas, antes de deixá-los de lado, vale a pena nos determos nos fortes temas emocionais e sociais embutidos em tais apelos. A ideia de “morrer pela economia” é evidentemente grotesca, porém aceitar o risco de morte pelo bem de uma nação ou de uma família é o fundamento de concepções convencionais de Estado e sociedade. A lógica básica da guerra é a de que uma minoria, geralmente homens em idade de lutar, é posta em perigo pelo bem coletivo. Na guerra total, esse perigo se estende a toda população. A economia não é secundária, mas absolutamente central ao conflito. O que faz a ideia de troca ou compensação ter sentido são as ideias de pertencimento e de ameaça à existência coletiva. As baixas, sejam elas no campo de batalha, nas linhas de apoio ou no front doméstico, são suportadas com estoicismo. O que devemos aos nossos heróis é que a vida deles não seja sacrificada em vão e que a celebremos. (TOOZE, 2021, p. 47)

É nessa narrativa de negação e de coragem diante ao vírus que surge a ideia do medo de passar fome, devido ao isolamento social. Podemos perceber que o grupo de conservadores passa a ideia de coragem em relação ao coronavírus, no entanto, eles não suportam a ideia da falta de alimento. Ideia essa criada e disseminada por Jair Bolsonaro.

No dia 02 de abril de 2020, o presidente publicou um vídeo em suas redes sociais em que um homem apontava a falta de abastecimento da Ceasa de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte, e culpava os governadores que, segundo ele, queriam “ganhar nome e projeção política à custa do sofrimento da população”. O sofrimento apontado por ele tinha relação com a possível falta de alimento⁸¹. No mesmo dia, a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, desmente esse homem do vídeo no grupo Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) no whatsapp ao compartilhar fotos e vídeos que mostravam uma realidade contrária, a situação do mercado continuava normal. Logo depois, o vídeo foi apagado das redes sociais presidenciais⁸².

Propagar a ideia de falta de abastecimento de alimentos, devido à pandemia, é uma estratégia utilizada para legitimar o discurso de que os brasileiros precisavam voltar à normalidade, reabrindo o comércio e continuando a vida como se não existisse um vírus circulando.

A pandemia do Covid-19 salienta o grave problema de desigualdade social vigente no Brasil, uma vez que mostra como a ideia de economia neoliberal contribui para o esquecimento da população mais pobre. No contexto do coronavírus isso é visto quando a volta ao trabalho e a normalidade são apoiadas, mesmo que isso colocasse as pessoas em risco de contaminação e pudesse gerar até mesmo a morte. Para os conservadores, nesse momento, era preciso salvar a economia, mesmo que isso custasse suas próprias vidas.

As vidas que não são produtoras de novo capital, que negam o empreendedorismo econômico, elitista e competitivo, não participando do ciclo de acumulação de riquezas, são consideradas vidas matáveis, corpos descartáveis. Por isto que as centenas de milhares de mortes no contexto da pandemia no Brasil, com maior incidência entre pobres e negros, a extrema violência a que são submetidas comunidades nas periferias das grandes cidades, e outros agrupamentos igualmente dissidentes e resistentes ao projeto neoliberal, não constroem o governo. A necropolítica governamental é direcionada a estes grupos, trata-se de eliminar corpos “não rentáveis”. (FRANCO, 2022, p.23)

Segundo Franco, a ideia econômica liberalista que coloca as pessoas como “empreendedoras de si mesmas” (2022, p.23), viabiliza grandes jornadas de trabalho, sem proteção social ou previdenciária, alimentando a ideia de liberdade. É diante disso que “o projeto neoliberal atual procura construir uma subjetividade liberal com base na concorrência”

⁸¹Disponível em:

<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-publica-video-sobre-risco-de-desabastecimento-mas-depois-apaga,70003256103>. Acesso em: 21 nov. 2022.

⁸²Disponível

em:

<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,ministra-da-agricultura-divulga-ideos-e-fotos-que-desmentem-publicacao-de-bolsonaro-sobre-ceasa,70003256315>. Acesso em: 21 nov. 2022.

(FRANCO, 2022, p.23). Constrói-se, portanto, a ideia de que esse sujeito liberal e empreendedor é a pessoa da concorrência, ou seja, estão sempre um concorrendo com o outro, o que exclui a ideia de solidariedade que pudesse existir antes. As pessoas passam a ver as outras, não mais como iguais, mas como concorrentes. E é nessa nova perspectiva que surge a pandemia, que evidencia como essa nova formação trabalhista é vulnerável. Milhares de pessoas viviam em trabalho informal na época, sem nenhuma proteção, o que permitiu que elas fossem totalmente atingidas pela crise sanitária mundial.

Por outro lado, a desigualdade coloca as pessoas em planos diferentes de proteção, tendo, portanto, maior ou menor oportunidade de adoecer, viver ou morrer. A biopolítica neoliberal é incapaz de proteger a população, defender a vida, nestes termos passa a ser uma necropolítica. (FRANCO, 2022, p.23)

A polarização política já era uma realidade no governo bolsonarista, mas durante a pandemia, seu principal tema foi a volta à normalidade. Mesmo que não fossem apoiadores do ex-presidente, muitos trabalhadores informais defenderam a abertura do comércio pelo medo de perderem as suas rendas. No início da pandemia, não existia nenhuma política de apoio do governo para com essas pessoas. Por isso, quando Bolsonaro incita o medo de passar fome, ele não dizia respeito apenas à falta de abastecimento nos mercados, mas também à falta de renda dessas pessoas.

Os discursos de Jair Bolsonaro sobre a volta à normalidade tinham relação com o medo de perder apoio político, devido ao baque que a economia estava prestes a sofrer. Porém, aqueles considerados empreendedores sentiam-se incluídos nos discursos do ex-presidente, porque eles trabalhavam para si mesmos, eles eram sua própria empresa e não podiam parar, porque eram a sua única fonte de renda.

No dia 23 de março de 2020, a Secretaria de Comunicação do Governo Federal lançou a campanha “O Brasil não pode parar”, em que colocava a informação de que, no mundo todo, os casos de vítimas fatais eram raros entre jovens e adultos. Em vídeo divulgado pelo filho do presidente, Flávio Bolsonaro, cenas de trabalhadores em atividade eram mostradas com a seguinte narração como tema da campanha: “Para trabalhadores autônomos, o Brasil não pode parar. Para ambulantes, engenheiros, feirantes, arquitetos, pedreiros, advogados, professores particulares e prestadores de serviço em geral, o Brasil não pode parar”.⁸³ No dia 31 do mesmo mês, o ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Superior Tribunal, proibiu

⁸³Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/planalto-lanca-campanha-o-brasil-nao-pode-parar-contra-medidas-de-isolamento/>. Acesso em: 04 dez. 2022.

que o governo federal veiculasse campanhas que defendiam a ideia de que o “Brasil não podia parar”, que dessem a entender que a população deveria voltar às suas atividades e que diminuísse o grau de gravidade do coronavírus e as suas consequências para a população.⁸⁴

Devido às falas constantes sobre a volta à normalidade, a deslegitimação das recomendações da OMS e o constante compartilhamento de métodos falsos para o tratamento do coronavírus, no dia 08 de abril de 2020, o Supremo Tribunal Federal concedeu uma liminar que assegurava:

[...] o exercício da competência concorrente dos Estados, Distrito Federal e Municípios, cada qual no exercício de suas atribuições e no âmbito de seus respectivos territórios, para a adoção ou manutenção de medidas restritivas legalmente permitidas durante a pandemia, independentemente de superveniência de ato federal em sentido contrário, sem prejuízo da competência geral da União para estabelecer medidas restritivas em todo o território nacional, caso entenda necessário.⁸⁵

Quando Bolsonaro perde o poder de decisão sobre o que seria considerado atividades essenciais ou não na pandemia, só restam duas coisas que ele podia fazer para tentar voltar a normalidade: tentar manipular as informações e dar discursos ainda mais fervorosos sobre medicamentos e curas miraculosas. E é exatamente o que ele faz. É nesse momento que seus discursos a favor da cloroquina e falas amenizando a gravidade da situação ficam ainda mais fervorosos.

Foi também no mês de abril que surgiu o auxílio emergencial de R\$600, inicialmente ele queria pagar apenas R\$200, mas o Congresso Nacional fez pressão e o valor maior foi aprovado. Ao contrário do que ele imaginou, foi esse auxílio que permitiu que o seu apoio político retornasse. Segundo pesquisa feita pelo Exame/IDEIA em 2020, 65% dos brasileiros acreditavam que Bolsonaro criou o AE. Apenas 32% da população atribuiu o valor ao Congresso Nacional. Além disso, a análise também mostra que 44% das pessoas ouvidas receberam o dinheiro e dentre elas, 25% afirmaram que a sua avaliação do governo melhorou após isso. Para Maurício Moura, fundador do IDEIA, instituto de pesquisa especializado em opinião, e professor de políticas públicas na George Washington University: “É difícil ver uma medida que venha do governo que altera sua avaliação em tão pouco tempo”.⁸⁶

⁸⁴Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/03/31/barroso-proibe-que-bolsonaro-faca-campanha-para-populacao-furar-isolamento.htm>. Acesso em: 04 dez. 2022.

⁸⁵ Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=441075&ori=1>. Acesso em: 04 dez. 2022.

⁸⁶ Disponível em: <https://exame.com/brasil/para-65-bolsonaro-e-principal-responsavel-por-auxilio-emergencial/>. Acesso em: 18 de jun. 2023.

Outro ponto que demonstra a polarização política ainda mais forte na pandemia são as pessoas que precisam voltar a ativa, ou seja, antes do auxílio emergencial, parte da população, principalmente empreendedores, ficaram sem nenhuma renda. Dessa forma, o que se coloca em questão é que alguns trabalhos conseguiram continuar de forma remota, mas a maioria deles não. Por isso, a discussão entre ficar em casa ou não também tinha relação com a realidade de cada um. Isso muda quando o governo oferece uma renda para que as pessoas consigam se manter.

Com a decisão acerca das medidas de contenção do coronavírus nas mãos dos governadores, os ataques do presidente também passaram a envolver os políticos que iam contra o que ele queria. No dia 14 de abril de 2020, em videoconferência com empresários, Bolsonaro se queixou da decisão do Supremo Tribunal Federal e acusou alguns governadores de “tentar quebrar a economia para atingir o governo”⁸⁷. Além disso, ele afirmou que era necessário “jogar pesado” com governadores como João Dória, de São Paulo, que avaliava a possibilidade de um lockdown - medida mais restritiva em relação à circulação de pessoas. Segundo ele, “Um homem está decidindo o futuro de São Paulo, está decidindo o futuro da economia do Brasil. Os senhores, com todo o respeito, têm que chamar o governador e jogar pesado, jogar pesado, porque a questão é séria, é guerra. É o Brasil que está em jogo”.⁸⁸

Essa preocupação demasiada pela economia demonstra que nesse momento tão delicado para o mundo todo, a preocupação de Jair Bolsonaro não tinha relação com o número crescente de mortes ou com medidas para a contenção do vírus. Essa perspectiva afirma a ideia abordada anteriormente sobre corpos rentáveis. Bolsonaro nunca esteve preocupado com a população em estado de vulnerabilidade, sua preocupação tinha relação com seu apoio político.

É nítido, portanto, que a pandemia do Covid-19 deu visibilidade para questões que antes eram deixadas de lado. A polarização política que teve início no Brasil, devido às guerras culturais, anos antes, contribuiu para que o cenário da crise sanitária se agravasse. Isso porque, criou-se um cenário de “eu” contra “eles” antes mesmo da circulação do vírus e com a pandemia, essa questão só se intensificou. Ou seja, com os constantes ataques do presidente às instituições democráticas, a maioria dos seus seguidores continuaram a apoiá-lo, uma vez

⁸⁷Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/05/14/bolsonaro-diz-a-empresrios-que-preciso-partir-para-cima-de-governadores-porque-guerra.ghtml>. Acesso em: 04 dez. 2022.

⁸⁸ Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/05/14/bolsonaro-diz-a-empresrios-que-preciso-partir-para-cima-de-governadores-porque-guerra.ghtml>. Acesso em: 04 dez. 2022.

que não conseguiam concordar com aqueles que eles veem como inimigos, nesse caso, todos aqueles que iam contra a postura bolsonarista no momento de crise sanitária.

Ademais, a disseminação das fake news, a criação de teorias da conspiração e a deslegitimação das instituições democráticas mostram que a preocupação de Jair Bolsonaro não tinha relação com as classes menos favorecidas da sociedade, mas sim com seus propósitos pessoais. Por isso, a sua luta tinha relação com a volta à normalidade e não com conter a disseminação do vírus.

Baseando-se nas questões abordadas anteriormente como a criação de medos que beneficiam os conservadores, a disseminação constante de inverdades e a criação de uma polarização política que tinha relação com a moral, pode-se entender, porque parte de seus apoiadores continuaram ao lado dele durante esse cenário de crise. É válido ressaltar que, além disso, encontra-se o viés preconceituoso que podemos perceber em parte desses grupos, por isso, a política de morte durante a pandemia não era visto como um grande problema para eles, afinal as pessoas mais afetadas pelo vírus eram as que tinham relação com as minorias.

5. Considerações finais

José Saramago em seu livro “Ensaio sobre a Cegueira”, não acredita que epidemias transformam uma sociedade. Para ele, elas nos ajudam a ver a verdade. (KRASTEY, 2020, posição 95). Considerando o seu pensamento, podemos notar que o Covid-19 nos ajudou a perceber a realidade em que estamos inseridos, em que a polarização política conseguiu criar um cenário tão pesado que pessoas consideraram ficar contra outras em um momento tão delicado só para provar que elas estavam certas.

A pandemia do Covid-19 foi essencial para percebermos que as crises podem oferecer uma grande expansão de poder aos presidentes e por isso, podem levá-los ao seu êxtase político ou transformar seu governo em uma derrocada. No Brasil, a CPI da Covid investiga a ineficiência e a negligência do governo bolsonarista diante da crise. Nos Estados Unidos, apesar de não haver uma consequência para seu governo na pandemia, Trump possui outros problemas para lidar atualmente, como uma possível prisão.

Podemos perceber que nos dois casos, suas posturas os levaram à derrota política. Donald Trump perdeu as eleições em 2020 e Jair Bolsonaro seguiu o mesmo caminho em 2022. No entanto, é importante salientar que essa pesquisa não se encerra por aqui. É importante entendermos o motivo dos dois presidentes, apesar da postura diante a pandemia, terem conseguido tantos votos nas eleições.

Além disso, outros dois caminhos que podem ser pesquisados são como os governos conservadores-conspiracionistas estão contribuindo para uma recessão democrática e podemos pesquisar mais a fundo a origem e a distribuição das guerras culturais no Brasil que contribuíram para o cenário de polarização política, enraizando em parte da população que existe uma ameaça comunista em vista, tão falada por Bolsonaro. Para isso, precisamos entender mais a fundo sobre questões sociológicas, psicológicas e sociais acerca desses apoiadores.

O presente trabalho buscou mostrar por meio de pesquisas e discursos dos presidentes como as suas posturas diante à crise foram maléficas para as populações dos dois países. É válido salientar que se as suas condutas fossem diferentes, diversas mortes poderiam ter sido evitadas. Mas, naquele momento, a preocupação deles tinha relação com o baque que a economia iria sofrer, pois tudo tinha relação com a perda de apoio político que eles poderiam ter, caso isso acontecesse.

Porém, a economia sofreria de qualquer forma. O que eles poderiam ter feito, era criar

políticas de contenção do vírus logo no início, dessa forma a pandemia não teria chegado ao grau de gravidade que chegou nos dois países e todos poderiam voltar à normalidade antes do que voltaram. Assim, apesar da economia sofrer um pouco, ela se recuperaria mais rapidamente.

O estudo foi feito baseando-se numa pesquisa do geral para o específico, ou seja, para entendermos como a polarização política afetou o cenário da crise sanitária, precisamos voltar as origens das guerras culturais, logo depois entendemos como elas chegaram ao Brasil e por fim chegamos na realidade atual que acontece desde 2016, quando Jair Bolsonaro se tornou um possível candidato à presidência da República. A partir de então, relatamos as suas estratégias políticas, com teorias da conspiração e disseminação de fake news em massa, até a sua eleição. Depois, com o surgimento da pandemia, buscamos mostrar que a sua postura não foi a ideal, ela só contribuiu para agravar ainda mais a situação. No último capítulo, abordamos o motivo da economia ser tão importante no cenário de crise sanitária.

Ademais, conseguimos perceber como as posturas e os discursos bolsonaristas sempre estavam relacionados ao que Trump fazia nos Estados Unidos. Toda a campanha e todo o governo de Jair Bolsonaro foi baseado em Donald Trump, não é por menos que os dois são chamados de almas gêmeas. Também conseguimos entender o motivo dos seus discursos e das suas teorias da conspiração, afinal elas foram essenciais para as suas ascensões políticas e por todo o apoio que os dois possuem até hoje. É válido ressaltar que a coragem que os dois possuem em trazer falas problemáticas e até mesmo preconceituosas, abriu um caminho para que as pessoas que antes se sentiam inibidas em expor esses pensamentos, tivessem a audácia de fazer o mesmo.

Outro ponto que tentamos avaliar foi como os comportamentos dos políticos, que usam a mentira desenfreadamente, foram nocivos para a população e contribuíram para um cenário ainda pior durante a pandemia. Suas falas sempre tentaram defender seus interesses, ameaçar às instituições democráticas e contribuíram para um cenário de desgaste democrático com a polarização que foi ainda mais problemático durante a pandemia.

Afinal, muitos de seus apoiadores só desrespeitaram a OMS, devido aos seus discursos e saíram de casa sem máscara apenas para provar que eles podiam, que eles não acreditavam na gravidade da situação. A pandemia, era vista por essas pessoas apenas como uma questão política, ficar em casa era automaticamente não apoiar o seu presidente, por isso, seus seguidores saíam, não respeitavam as recomendações e, assim, contribuíram ainda mais para

um cenário de contaminação que já era caótico e preocupante.

Atualmente, apesar das eleições do presidente Lula e do presidente Biden, ainda vivemos em um cenário polarizado. Muitos dos apoiadores de Trump e de Bolsonaro acreditam até hoje que houveram fraudes nas eleições de 2020 e 2022. Afinal, foi o que eles divulgaram e afirmaram e o continuam fazendo. Esse é um dos motivos da possível inelegibilidade bolsonarista que assolou as notícias nos últimos dias.

Portanto, também é imprescindível salientar a importância do jornalismo nesse cenário. Apesar de toda a polarização política e do descrédito que sofremos diariamente, nossa luta diz respeito a recuperar o nosso local de transparência e de divulgação da verdade, além de mostrar a importância que possuímos para a democracia e para a diminuição de divulgação de inverdades. A nossa pauta atualmente é voltar a ter crédito e impedir que as fake news tenham tanto poder em nossa sociedade. Por isso, temos sempre que estar de acordo com a democratização da informação, com a igualdade social e com a garantia das liberdades de expressão.

6. Referências bibliográficas

Livros e artigos científicos

BENNETT, W. L.; LIVINGSTON, S. A Brief History of the Disinformation Age: Information Wars and the Decline of Institutional Authority. In: BENNETT, W. L.; LIVINGSTON, S. **The Disinformation Age: Politics, Technology, and Disruptive Communication in the United States**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. p. 3–40. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/product/identifier/9781108914628/type/book>. Acesso em: 5 ago. 2022.

DEMURU P. Teorias da conspiração e populismo messiânico no Brasil contemporâneo: uma perspectiva semiótico-cultural. **Estudos Semióticos**, São Paulo, 2021, p. 264-291. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/180942>. Acesso em: 18 out. 2022.

DEMURU, P. Caos, teorias da conspiração e pandemia. **Acta Semiotica**, São Paulo, Brasil, n. 1, 2021, p. 245 - 260. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/actasemiotica/article/view/54178>. Acesso em: 18 out. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A Coragem da Verdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FRANCO, Túlio Batista. A pandemia de Covid-19 como dispositivo de análise do mundo contemporâneo: na perspectiva da defesa da vida. In: **Experiências de Trabalho e Cuidado em Saúde na Pandemia de COVID-19**. Organizador: Túlio Batista Franco. Porto Alegre: Rede Unida, 2022, p. 34 - 53.

GRUZD, Anatoliy; MAI, Philip. Going viral: How a single tweet spawned a COVID-19 conspiracy theory on Twitter. **Big Data e Society**, 2020, p. 1- 9.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KRASTEV, Ivan. **Is it tomorrow yet?** Editora Penguin, 2020.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**. 5ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 11-33.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de; VAZ, Paulo. Guerras Culturais: conceito e trajetória. **Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 6–40, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27791. Acesso em: 8 maio. 2022.

RÊGO, Ana Regina; BARBOSA, Marialva. **A Construção Intencional da Ignorância: O mercado das informações falsas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

MENDES, Maria Clara Gomes. **Teoria da conspiração e saúde coletiva: desinformações checadas na pandemia de Covid-19**. Monografia (Graduação em Comunicação Social -

Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2022. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/17573>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SÁ, Rubens Pileggi. **Imagens de arte como resistência**. FAV/UFG, 2013. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2014-eixo2_7_imagens_de_arte_como_imagens_de_resistencia.pdf. Acesso em: 22 jul. 2022.

SANTOS, Alan dos. **As origens das guerras culturais no Brasil: desdobramentos político-filosóficos**. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2021. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/28559>. Acesso em: 7 jul. 2022.

SILVA, Kathlen Barbosa da. **“Gripezinha” e desinformação: ataques à democracia brasileira durante o governo Bolsonaro**. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2021. Disponível em: https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/15699?locale=pt_BR. Acesso em: 8 ago. 2022.

SOUZA, Marco Aurélio Dias de. **O fim da Guerra Cultural e o conservadorismo estadunidense?** Uma leitura sobre a trajetória de ascensões e quedas da direita religiosa americana. Tese (Doutorado - Faculdade de Ciências e Letras). São Paulo: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/116013>. Acesso em: 7 jul. 2022.

TOOZE, Adam. **Portas fechadas: Como a Covid abalou a economia mundial**. São Paulo: todavia, 2021, p. 9 - 162.

VENTURA et al. A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da Covid-19. **CEPEDISA, USP**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/01/boletim-direitos-na-pandemia.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2022.

Documentos e pesquisas

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf. Acesso em: 25 set. 2022.

SENADO FEDERAL. **PEC das Domésticas garantiu igualdade de direitos entre trabalhadores**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/04/pec-das-domesticas-garantiu-igualdade-de-direitos-entre-trabalhadores#:~:text=PEC%20das%20Dom%C3%A9sticas%20garantiu%20igualdade%20de%20direitos%20entre%20trabalhadores,-Desde%20sua%20cria%C3%A7%C3%A3o&text=Entre%20os%20direitos%2C%20sal%C3%A1rio%20maternidade,idade%20e%20tempo%20de%20contribui%C3%A7%C3%A3o..> Acesso em: 30 ago. 2022.